



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC
CAMPUS – VIII
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

**A PRÉ-HISTÓRIA NO CONTEXTO HISTÓRICO DO RIO DO SAL: REFLETINDO
SOBRE O ESPAÇO OCUPADO**

AUTOR: MARIA DO SOCORRO ARAÚJO NASCIMENTO

Paulo Afonso/BA
Novembro/ 2018

MARIA DO SOCORRO ARAUJO NASCIMENTO

**A PRÉ-HISTÓRIA NO HISTÓRICO DO RIO DO SAL: REFLETINDO SOBRE O
ESPAÇO OCUPADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de ARQUEOLOGIA, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus VIII, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Arqueologia.

Orientador: Prof. Ms. Salomão David Vergne Cardoso.

Paulo Afonso/BA
Novembro/ 2018

658p NASCIMENTO, Maria do Socorro Araújo

A pré-história no contexto histórico do Rio do Sal: refletindo sobre o espaço ocupado. Maria do Socorro Araújo Nascimento-Paulo Afonso, 2018.

63f. 29 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) - Universidade do Estado da Bahia, Paulo Afonso-BA, 2018.

Orientador: Prof. Me Salomão David Vergne Cardoso

Referências

1. Arqueologia do Brasil 2. Pré-história 3. Título

CDD 981-01

Folha de aprovação

**A PRÉ-HISTÓRIA NO CONTEXTO HISTÓRICO DO RIO DO SAL: REFLETINDO
SOBRE O ESPAÇO OCUPADO**

Trabalho de Conclusão de Curso/TCC apresentado ao curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Paulo Afonso, 17 de dezembro de 2018.

Banca examinadora:

Orientador: Prof. Ms. Salomão David Vergne Cardoso
Universidade do Estado da Bahia –DEDC Campus VIII

Co- orientadora: Prof.^a Dra. Maria Cleonice Souza Vergne
Universidade do Estado da Bahia –DEDC Campus VIII

prof.^a Ma Fatima Oliveira
Universidade do Estado da Bahia –DEDC Campus VIII

Paulo Afonso- BA

2019

Dedicatória

Dedico esse TCC a todos aqueles que precisam vencer as próprias adversidades para conquistar um diploma universitário, abdicando da vida pessoal e social para se dedicar a atividade acadêmica e a produção literária.

Agradecimento

A Deus, motivo principal da minha existência;

Ao orientador Salomão David Vergne Cardoso pelas sugestões, confiança e por acreditar no tema e na abordagem do trabalho;

A supervisora e co-orientadora, Maria Cleonice Souza Vergne, pela atenção, ajuda durante as visitas de campo e apoio em vários momentos na realização desse trabalho;

A Admilson Freire de Carvalho, arqueólogo, que acompanhou-me nas visitas de campo, orientando sobre os sítios estudados;

Ao professor Jacques Fernandes e demais professores do curso por tantos ensinamentos e pelo carinho e amizade que levo sempre comigo;

À todos os colegas do curso, pelas boas lembranças, em especial à Teresinha Vidal, que acompanhou mais de perto minha trajetória no curso;

À minha mãe e meu filho Gabriel, agradeço sempre;

Pelo carinho e atenção;

Aos amigos(as) e colegas de trabalho, pela torcida e incentivo para que cansaço não fosse motivo para desistir;

Aos meus alunos dos cursos de Pedagogia e Letras da Universidade Leonardo da Vinci- UNIASSELVI, que utilizaram meu exemplo como espelho para prosseguir na sua caminhada acadêmica.

Epígrafe

Acreditar na capacidade de superação e realização de um sonho faz das pessoas seres inigualáveis.

RESUMO

A importância de sítios no nordeste brasileiro com diferentes abordagens são os primeiros esforços na localização e estudo das raízes da história da ocupação brasileira e da busca de provas no tocante a antiguidade da ocupação. Por tudo isso, novos estudos e contexto tem surgido no campo arqueológico para elucidar a ocupação de povos pré-históricos, sua origem, seus costumes, suas tradições, seu modo de vida e organização social. Muitas interrogações ainda existem, porém diversas marcas deixadas por essas populações servem de pistas para o aprofundamento das pesquisas. Como o objetivo desta pesquisa é o de analisar o surgimento de novas hipóteses sobre a história da ocupação humana no território nordestino, em especial no Povoado Rio do Sal, cidade de Paulo Afonso/BA, situando a mesma dentro desta discussão que tem na sua essência um debate histórico que surge como uma abordagem voltada para o estudo da ocupação humana no Brasil é relevante pontuar os diversos sítios, estudados por arqueólogos da equipe da professora Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne e demais profissionais envolvidos, que na atualidade buscam respostas para os seus questionamentos mediante marcas deixadas.

Palavras- chave: Arqueologia pré-histórica. Ocupação humana. Pintura rupestre.

ABSTRACT

The importance of sites in the Brazilian northeast with different approaches are the first efforts in locating and studying the roots of the history of the Brazilian occupation and the search for evidence regarding the antiquity of the occupation. For all this, new studies and context have arisen in the archaeological field to elucidate the occupation of prehistoric peoples, their origin, their customs, their traditions, their way of life and social organization. Many questions still exist, however, many brands left by these populations serve as clues to further research. As the objective of this research is to analyze the emergence of new hypotheses about the history of human occupation in the northeastern territory, especially in the Rio do Sal settlement, city of Paulo Afonso / BA, situating the same within this discussion that has in its essence a historical debate that emerges as an approach focused on the study of human occupation in Brazil, it is important to point out the different sites, studied by archaeologists of the team of Dr. Maria Cleonice de Souza Vergne and other professionals involved, who are currently seeking answers for the their questions by means of marks left.

KEYWORDS: Prehistoric archeology. Human occupation. Rock painting

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – O TERRITÓRIO E A OCUPAÇÃO HUMANA.....	15
1. TERRITÓRIO.....	15
1.1 Localização	15
1.2 Geologia e Geomorfologia.....	17
1.3 SOLOS.....	20
1.4 HIDROGRAFIA.....	20
1.5 CLIMA.....	21
1.6 VEGETAÇÃO.....	21
1.6.1 Caatinga.....	22
1.6.2 Plantas e plantações.....	23
1.7 FAUNA.....	23
2. GRUPOS HUMANOS.....	24
2.1 O povoamento americano.....	24
2.1.1 Um estudo de caso: Povoado Rio do Sal (sitio 41).....	25
2.1.2 A antiguidade da arte rupestre.....	27
2.1.3 Arte rupestre: da matéria-prima à utilização da técnica.....	29
3. OS INDÍGENAS E O CONTATO COM O PORTUGUÊS.....	30
4. O SERTANEJO E A OCUPAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE.....	32
4.1 A colonização.....	33
CAPÍTULO II - A HISTORIGRAFIA DA ARTE RUPESTRE NO BRASIL.....	36
1. DOCUMENTAÇÃO PERTENCENTE A ARTE RUPESTRE.....	36
1.1 Primeiros documentos escritos.....	36
1.2 Primeiras ilustrações.....	37
2. DOCUMENTOS LIGADOS À ARTE RUPESTRE DO NORDESTE.....	38
3. AS DESCOBERTAS DA ARTE RUPESTRE: PESQUISA E COMPREENSÃO.....	39
3.1 Arte rupestre como escrita.....	39

3.2 Levantamento da arte rupestre.....	40
4. CATEGORIA APLICADA A ARTE RUPESTRE.....	40
4.1 Tradição no Brasil.....	41
4.2 Tradição Nordeste.....	42
4.3 Tradição Geométrica: Sub- tradição Paulo Afonso.....	43
CAPÍTULO III- PESQUISA E METODOLOGIA.....	44
1. PESQUISA DE CAMPO (Povoado Rio do Sal)	45
1.1 Prospecções arqueológicas.....	45
1.1.1 Histórico.....	46
1.2 Tipos de sítios arqueológicos cadastrados.....	46
2. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO.....	47
CAPÍTULO- IV O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO.....	48
1.Sítio 41.....	48
1.1 Descrição do abrigo.....	48
1.2 Análise dos vestígios da cultura material.....	49
2. A ARTE RUPESTRE.....	51
2.1 Aplicação da matriz visual.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso- TCC é uma pesquisa pautada na arte rupestre, onde o simbólico/imaginário foram observados, dando pistas sobre o modo de vida dos grupos pretéritos que ocuparam o povoado Rio do Sal, no município de Paulo Afonso/BA. Em todo Complexo Arqueológico de Paulo Afonso foram localizados 48 sítios rupestre destruídos e 64 sítios rupestres intactos, no Povoado Rio do Sal. Estes sítios foram analisados e estão sendo estudados pela equipe da Doutora Vergne, suas pinturas foram classificadas, segundo a Tradição Nordeste, de Tradição Geométrica: Sub-tradição Paulo Afonso. As figuras pintadas e a sua relação tempo/espaço sugerem cenas do cotidiano e a identificação, provavelmente, ritualística. Dos diversos sítios já catalogados essa pesquisa focará apenas em um, que faz parte do Povoado Rio do Sal: sitio 41.

Este TCC teve como principal objetivo analisar a passagem de povos pretéritos na região de Paulo Afonso/BA, focalizando a pesquisa no Povoado Rio do Sal, além de apresentar os conceitos de tradição e sub- tradição aplicados a arte rupestre no povoado Rio do Sal, aplicando valor arqueológico às pinturas nos matacões e abrigos, pontuando sua importância e classificação para ordenamento do *corpus* pictórico de uma região tão vasta.

No transcorrer da pesquisa a necessidade de entender o território e os diferentes grupos que ocupavam essa área de estudo, no Rio do Sal, foi fundamental para compreender como viviam esses grupos pretéritos.

Partindo do raciocínio do homem como ser integral a temática procurou focar na subsistência, simbologia e no imaginário dessa ocupação humana no povoado Rio do Sal, dando sentido de pertencimento a arte desenvolvida por eles.

Pontua-se que as duas principais tradições pictóricas, a Nordeste e a Agreste, indicam hipotética existência de dois grandes grupos, separados em grupos pequenos, sendo que, teoricamente, segundo apontam diversos autores, entre eles: Prous (2007) e

Martin (2014), o grupo localizado no nordeste teve sua origem no agreste pernambucano.

A relevância desta temática consiste na importância de suscitar questionamentos que levem à pesquisa as raízes e a cultura pretérita para realmente verificar o que pertence à comunidade do Rio do Sal, pois o movimento de pertencimento e identificação remete a sensibilização da necessidade de preservação da própria história.

A temática se posiciona perante uma discussão de identificação cultural, de caracterização da comunidade e na fomentação de embasamento para o reconhecimento da identidade da comunidade.

Metodologicamente a pesquisa será quali/quantitativa, com abordagem da pesquisa-ação, pesquisa participante, estudo de caso e pesquisa bibliográfica.

As discussões e as análises da referida temática, buscam integrar os pontos de ligação da comunidade, gerando o sentido de pertencimento necessário para a preservação da história local, bem como valorizar o passado pretérito que envolve os acontecimentos ligados a região.

É oportuno realizar, nesse TCC, uma discussão, mesmo que não seja minuciosa, sobre a contradição entre a História oficial e as descobertas recente no campo arqueológico, contextualizando o tempo histórico em que orienta as diversas pesquisas em andamento com datação dos artefatos e pinturas encontradas. É comum as margens dos principais rios do nordeste a presença de sítios arqueológicos, indicando que no passado essas áreas eram ocupadas por povos indígenas, diferentes do presente. Isso leva a crer que esses povos viviam na região antes do colonizador português chegar no território brasileiro. Os sítios com pinturas rupestre demonstram que essas populações autóctones ocuparam por centenas ou milhares de anos essas localidades, o que impulsiona o diálogo entre as diversas áreas de conhecimento no afã de estabelecer elos que confronte a história real da oficial.

Como o objetivo desta pesquisa é o de analisar o surgimento de novas hipóteses sobre a história da ocupação humana no território nordestino situando a mesma dentro desta discussão que tem na sua essência um debate histórico que surge como uma abordagem voltada para o estudo da ocupação humana no Nordeste é relevante pontuar os diversos sítios, estudados por arqueólogos da equipe de Vergner e demais profissionais envolvidos, que na atualidade buscam respostas para os seus questionamentos mediante as marcas deixadas por povos pretéritos. Em razão disso, os registros gráficos encontrados no povoado Rio do Sal/BA revelam a memória grupal e sua função social na comunicação e sobrevivência de uma população que não mais está entre nós.

As inovações teórico-metodológicas que se vem praticando nessas pesquisas lançaram luzes sobre a historiografia brasileira que tem o seu berço na história de Portugal com a chegada das caravelas em 1500. Pode-se dizer que a historiografia portuguesa foi pioneira em propor o delineamento de um projeto ambicioso na escrita da história do Brasil, no que tange à realização das propostas teórico-metodológicas que desenham os fatos históricos, omitindo detalhes relevantes a um período pretérito de ocupação humana. As marcas e pistas deixadas nos sítios estudados: 41 (AFC - Marcos), na atualidade têm força e dados importantes que gritam pela necessidade de reescrever a história ocupacional do Nordeste, principalmente do Povoado Rio do Sal.

Este trabalho faz um estudo sistemático de um conjunto de sítios no sertão da Bahia, Complexo Paulo Afonso, que não ficou restrito aos estudos tipológicos descritivos e quantitativos exaustivos, procurou-se observar os dados como pré-historiadora, refletindo sobre eles de uma maneira interdisciplinar e global analisando-os em prol de um novo conhecimento sobre a ocupação pré-histórica dessa região buscando conhecer os porquês dessas pinturas e seu comportamento social.

De modo geral, diferentes predominâncias imagético-visuais foram observadas no sítio arqueológico 41 do Rio do Sal, no Complexo Paulo Afonso e em outros complexos

rupestres. Elas traduzem o olhar do observador atual, e pode condicionar a abordagem classificatória, por exemplo da Tradição Geométrica: Sub-tradição Paulo Afonso, (Tradição Nordeste) não é o estilo predominante na região do Rio do Sal quantitativamente, mas onde há figuras nesse estilo elas são a predominância imagética-visual, dando a impressão, ou a “ilusão” de uma predominância real quantitativa.

Se transportar para a apreciação da arte pré-histórica, na maioria das vezes se aceita um estilo, denominado da Tradição Geométrica: Sub-tradição Paulo Afonso, inserido na Tradição Nordeste. Se os povos da tradição Nordeste optaram em pintar, desta ou daquela maneira, neste ou naquele contexto, são questões à serem pesquisadas e aprofundadas em trabalhos futuros.

A intenção desse trabalho é contribuir de alguma forma para um aprofundamento do conhecimento e pesquisa mais sistematizada e interligada às diversas cidades do Nordeste no sentido de encontrar respostas sobre a cultura ancestral dos povos primitivos no nordeste brasileiro no intuito de resgatar o passado, preservando esse patrimônio para as gerações futuras, a fim de não deixar cair no esquecimento ou na desvalorização das ocupações pretéritas no Nordeste.

Essa pesquisa não se esgota nesse trabalho, apenas busca lançar luzes na busca de registros ou sinais deixados por possíveis povos pretéritos, onde hoje se localiza o Povoado Rio do Sal, na cidade de Paulo Afonso/BA. Porém se tem consciência que muito se perdeu já que o povoado tem sua história ligada aos quebradores de pedras que na sua desinformação, tudo leva a crer que destruíram potenciais sítios arqueológicos.

CAPÍTULO I: O TERRITÓRIO E A OCUPAÇÃO HUMANA

Inicialmente será feita uma breve explanação a respeito do conceito de território que será apresentado a partir de suas bases físicas, levando-se em conta os dados da geologia, geomorfologia, solos, hidrografia, clima, vegetação fauna e paleoambiente, acrescido da megafauna.

1. Território

Espaço geográfico é um termo utilizado pela Geografia para caracterizar o lugar onde se realizam as modificações no meio ambiente feitas pelos humanos ao longo da história.

O conceito ratzeliano de território resulta exatamente na compreensão de seus múltiplos usos e intencionalidades dos usos, algo apenas recentemente discutido mais sistematicamente e regularmente pela corrente crítica da Geografia. Os fragmentos textuais reproduzidos de Ratzel (1990) ao longo deste texto demonstram a riqueza e complexidade do pensamento do autor para os campos da Geografia Política e da Geopolítica, que podem bem ser sintetizadas na afirmação de que “As fronteiras (...) são instrumentos vivos no desenvolvimento dos fenômenos máximos cujo teatro é a Terra” (*apud* MORAES, 1990, p. 95).

Território é entendido como uma porção do espaço delimitada pela propriedade ou pelo exercício de um determinado poder ou soberania. O Brasil, por exemplo, é um território cujo Estado brasileiro é soberano e tem poder sobre ele.

A descrição e a representação do estado de coisas antropogeográfico são úteis para muitos objetivos da vida, do aprendizado, do trabalho científico; e, quando ambas se realizam, pode-se dizer que foram cumpridas muitas das tarefas práticas da geografia do homem. Mas a ciência nunca se satisfaz por ter respondido à pergunta “ONDE?”; pois quando este quesito é resolvido, ela prossegue adiante e passa à pergunta “DE ONDE?”. Já na execução da sua tarefa descritiva, a geografia do homem se encontrará diante de uma grande

quantidade de casos nos quais vêm se repetindo fenômenos relativos ao território juntamente com fenômenos relativos à difusão do elemento humano. Passando agora à segunda parte da sua tarefa, esta ciência, ao examinar a área de difusão de cada raça e de cada povo, se colocará a questão: “Como se formou esta área?”; e se apresentarão então ao seu estudo os movimentos do homem na sua dependência do território. (RATZEL, 1990, p.83)

Ainda explanando acerca de território, Ratzel (1990) diz que:

Na verdade ela se dará conta de que nenhum povo teve origem no mesmo solo em que habita então, e daí tirará a conclusão de que ele não poderia mesmo permanecer aí eternamente. Alguns povos se expandem e outros são expulsos. E diante de todos os movimentos que daí se seguem, a Terra não representa já um elemento totalmente passivo, mas os direciona, os obstaculariza, os favorece, os torna lentos, os acelera, os desordena e os ordena graças às suas condições incomensuravelmente variadas de posição, de amplitude, de configuração, de riqueza de água e de vegetação. Quando a geografia se aproxima do exame destes fenômenos ela entra em contato com a história, que considera o solo como a pátria do cidadão, enquanto aquela o vê como a pátria da humanidade. Também a história considera a humanidade em movimento, embora não costume avançar através do estudo desta até o exame do território, enquanto a geografia, ao contrário, não ignora jamais sua presença. (RATZEL, 1990, p.83)

Mediante o exposto a História e a Geografia compreendem a presença do homem e sua passagem por determinadas localidades, muitas vezes migrando de um espaço a outro em busca de sua sobrevivência, e sua passagem, por curta que seja, demarca o território com suas marcas, se fazendo cidadão daquela pátria.

1.1 Localização

As informações sobre o município de Paulo Afonso foram pautada nas informações publicadas no Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004), onde se detalha que o município de Paulo Afonso tem uma área aproximada de 1.700,4 km², localiza-se na região semiárida do Estado da Bahia, na Microrregião do Sertão do São Francisco. Limita-se ao norte com município de Glória; ao sul com município de Jeremoabo e Santa Brígida, a oeste Rodelas; e a leste com o Rio São Francisco. A sede municipal possui as coordenadas geográficas: latitude 09º 24' 08" sul e longitude 38º 08' 14" de W.Gr., com altitude de 262 m. O acesso para Paulo

Afonso é por meio da BR-110, BR-420 e BA-210, que liga a capital do estado (Salvador), dista 450 km.

1.2 GEOLOGIA E GEOMORFOLOGIA

As características geomorfológicas são responsáveis pela configuração primária do relevo, bem como têm influência direta na resistência das rochas face aos agentes geomórficos, influenciando na configuração do modelado e, também, na determinação do padrão de drenagem existente.

Ainda segundo o Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004) a geologia do Município de Paulo Afonso é formada em grande parte, pela Bacia Sedimentar do Tucano. Em áreas localizadas, são observados rochas do embasamento cristalino, assim como também sedimentos quaternários arenosos em linhas de drenagem.

As rochas sedimentares que compõem essa bacia são predominantemente areníticas e estando representadas por várias formações e supergrupo. As principais formações e supergrupo que ocorrem na área são as seguintes: Tacaratu, Sergi, Candeias, Marizal e o supergrupo Canudos, conforme Silva Filho et al. (1977a; 1977b); Verner & Barbosa (1978a; 1978b). A Formação Tacaratu, de idade Siluro-Devoriano, ocorre ao sul e sudoeste da sede de Paulo Afonso. Os contatos, em sua maioria, são marcados por falhas extencionais ou discordâncias angulares e erosionais, com o Embasamento Cristalino subjacente. O contato superior com a Formação Inajá é gradacional, e com as rochas mesozóicas, é discordante ou por falha.

A litologia da Formação Tacaratu é constituída por arenitos cinza esbranquiçados a avermelhados, grosseiros, apresentando estratigrafia cruzada e leitos de conglomerados com seixos de granito e micaxistos, que não excedem a 3 metros de espessura. A Formação Surgiu de idade Neo-jurássica, pertencente ao Grupo Brotas,

que Aflora descontinuamente ao longo da borda leste da Bacia do Tucano, aparece em geral indiviso, e em algumas áreas a Formação Sergi, encontra-se individualizada.

Em Paulo Afonso, esta formação ocorre ao oeste e sudeste da sede municipal. Em superfície, seus afloramentos aparecem como lajedos nas bordas da bacia, de maneira descontínua. Sua litologia é constituída por folhelhos vermelhos, micáceos, com intercalações de arenito avermelhado, fino a conglomerativo, e emáticos níveis de calcário. Quando individualizada, a formação Sergi é formada essencialmente por arenitos finos a conglomeráticos de coloração clara, cinza esbranquiçados a esverdeados, grãos em geral subarredondados, com abundantes restos de madeira silicificadas principalmente nas bordas da bacia. São comuns marcos de ondas e estratificações cruzadas.

Ainda conforme o Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004) a formação Candeias, de idade Eocretácia, ocorre descontinuamente ao longo da borda leste da Bacia do Tucano, e na área em estudo, é a representante do grupo Santo Amaro. Aflora em alguns locais ao sudoeste do Município. Os contatos desta unidade com os sedimentos do Grupo Ilhas são gradacionais, podendo em muitos casos apresentar-se falhado; com os sedimentos do Grupo Brotas, é brusco, ou mesmo discordante, uma vez que se admite uma erosão do topo da Formação Sergi, nesta área. Sua litologia é composta por folhelhos cinza médio a esverdeados, calcíferos, com intercalações de arenitos cinza esbranquiçados, finos a médios, argilosos e raros níveis de calcário.

Os estudos do Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004) diz que a formação Marizal, de idade Mesocretácia, ocorre na parte extremo oeste, nordeste e alguns locais ao sul da área municipal. Litologicamente é composta de arenitos variegados, cinza esbranquiçados a amarelo-avermelhados, finos a grosseiros, argilosos, caulíníticos com intercalações delgadas de limonita, e frequentes estratificações cruzadas; conglomerados policompostos, cinza esbranquiçados constituídos de matações e seixos de arenitos, vermelhos; calcário

preto e róseo; quartzo e sílex, em matriz arenosa; folhelhos cinza-róseos, célticos, apresentando às vezes lâminas de gipsita e barita; célticos avermelhados micáceos e calcíferos. Estes sedimentos ocorrem em forma de chapadas.

Detalha o Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004) que o Supergrupo do Canudos, de idade Proterozóica, é formado por rochas granitóides intrusivas e pelo Grupo Macururé. Os granitóides foram agrupados em vários tipos com características distintas, sendo os mais representativos da área, os granitóides de Glória. Estes últimos, ocorrem ao centro-sul e a sudeste da sede municipal, apresentam cor cinza a cinza rosa, granulação média a grosseira, com acentuado isotropismo. Ocorrem também, variedades porfiróides, a sudeste de Paulo Afonso. São classificados petrograficamente como granitos e granodioritos, contendo oligoclásio, quartzo, feldspato potássico, biotita e, às vezes, muscovita.

O Grupo Macururé ocorre numa faixa irregular e descontínua, que segue aproximadamente o curso do Rio São Francisco, desde o meridiano de 37° 30' até Paulo Afonso, na parte centro-sul da área. Destacam-se na área, principalmente as rochas que compõem o Complexo Canindé com os agmatitos, metassomatitos e de uma sequência metavulcano sedimentar que engloba xistos gabros, metabasaltos, metaultrabasitos, filitos, metacarbonatos e metarcóseos.

O Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004) enfatiza que a área em estudo apresenta uma compartimentação geomorfológica formada pela Depressão Sertaneja do rio São Francisco com suas superfícies de pediplanação, elevações residuais e a Bacia do Tucano. A Depressão Sertaneja do rio São Francisco com as superfícies aplanadas apresentam relevo plano e suave ondulado, com altitudes compreendidas entre 250 a 300 m.

Em meios dessas superfícies aplanadas segundo, o Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004), sobressaem formas residuais, constituindo elevações de topografia acidentadas, com relevo ondulado e forte

ondulado. As altitudes destas áreas variam de 360 a 510 metros, estão localizadas ao sul e oeste da área municipal. As chapadas estão localizadas nas áreas sedimentares e de recobrimento de materiais residuais pertencentes a Bacia do Tucano, onde o relevo é predominantemente plano e suave ondulado. Nas bordas das chapadas, o relevo mais movimentado do tipo suave ondulado a ondulado. Os aluviões ocorrem em áreas estreitas localizadas nos drenos naturais, formados por material sedimentar mais argiloso ou pelo cristalino, apresentando relevo plano a suave ondulado (Silva Filho et. al., 1977a; 1977b; Verner & Barbosa, 1978a; 1978b).

1.3 SOLO

Sobre os solos existentes na área municipal, o Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004) pontua que são em grande parte arenosos, derivados de sedimentos da Bacia do Tucano. Estes sedimentos originados de arenitos são pobres em nutrientes, e conseqüentemente, geram solos de baixa fertilidade natural, muito profundos a profundos e excessivamente drenados devido a sua textura arenosa. Ocorrem também solos argilosos derivados do cristalino, de boa fertilidade, em várias áreas da Bacia do Tucano. As principais classes de solos que ocorrem na paisagem, conforme (Jacomine et al. 1977 e 1978), são as seguintes:

Neossolos Quartzarênicos (RQ), Luvisolos (T). Planossolos (S), Argissolos (P), Neossolos Litólicos (RL). Neossolos Regolíticos (RR), Cambissolos (C), Latossolos (L) e Vertissolos (V). Todos apresentam baixo teor de matéria orgânica. É importante salientar que as condições climáticas da região (baixa pluviometria, distribuição irregular das chuvas, evapotranspiração potencial elevada) favorecem a formação de solos afetados por sais, como os Planossolos. A denominação dos solos citados, anteriormente no Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004), obedece ao Sistema Brasileiro de Classificação de Solos (Embrapa, 1999).

1.4 HIDROGRAFIA

Conforme, o Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004), a área municipal abrange uma parte da Bacia Sedimentar do Tucano/Jatobá, que segundo Rebouças & Gaspary (1966) os principais sistemas aquíferos pertencem aos Arenitos de Marizal, São Sebastião e Tacaratu, que perfazem uma área em torno de 56.000 km². Os aquíferos existentes têm importância relativa e são do tipo pequeno, médio e grande. Tem profundidade do nível estático de 0-30 m (metros), 30-50 m e maior que 50 m (Bahia, 2004), conforme registro no diagnóstico mencionado acima,

O sistema de drenagem da área municipal é pouco densa e tem como componente principal o Rio São Francisco. Este serve de divisor político municipal e estadual, além de fornecer suas águas para abastecimento urbano e rural, possibilita ainda, a utilização para produção de energia elétrica e para irrigação que é de fundamental importância para o desenvolvimento agrícola racional da região. Os demais cursos de riachos e rios são intermitentes. Destacando o rio do Sal, os riachos da Morena, Grande do Xingó, Tará, Siqueira, Gongorra e Quixabeira. Todos esses dados podem ser checados no Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004).

1.5 CLIMA

O Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004) relata que o clima da região é classificado segundo Koppen em dois tipos: BSsh' e BSs'h'. O primeiro caracteriza-se por ser muito quente, semiárido, com temperatura média do mês mais frio superior a 18°C. A estação chuvosa é no inverno, quando se observa menor evaporação. Este tipo de clima abrange a região da sede municipal e do centro sul. O segundo (BSs'h') é bastante quente e semiárido. A estação chuvosa se adianta para o outono. A temperatura média do mês mais frio é superior a 18°C. Este tipo de clima ocorre na parte oeste da área municipal. A precipitação média anual do

município fica na faixa entre 400 a 500 mm e sua Evapotranspiração Potencial entre 1.200 a 1.400 mm (Jacomine et al., 1977; 1978).

1.6 VEGETAÇÃO

Ainda utilizando os dados do Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004), sobre a vegetação, a mesma é classificada como caatinga hiperxerófila, formada por espécies vegetais com elevada capacidade de retenção de água. Durante a estação mais quente perdem a folhagem e têm bastante reduzido o seu metabolismo vegetal.

Nessa região, aparece apenas em alguns locais, um pouco mais úmido, a caatinga hipoxerófila. Entre as espécies, que mais caracterizam a caatinga, pode ser citadas: a *Cnidoscolus phyllacanthus* (Muell. Arg.) Pax & K. Hoffm, “Favela” - *Euphorbiaceae*; *Pilocereus gounellei* Weber, “Xique-xique” – *Cactaceae*; *Aspidosperma pyriforme* Mart. “Pereiro” - *Apocynaceae*; *Maytenus rigida* Mart. “Bom Nome” - *Celastraceae*; *Jatropha pohliana* Muell. Arg. var. *molissima*, “Pinhão Brabo” - *Euphorbiaceae*; *Opuntia palmadora* “Palmatória Braba” – *Cactaceae* (Embrapa, 1977).

No Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004), pontua que a vegetação da caatinga constitui um tipo de vegetação adaptada à aridez do solo e a escassez de água da região. Dependendo das condições naturais das áreas em que se encontra, apresenta diferentes características.

Quando as condições de umidade do solo são mais favoráveis, a caatinga se assemelha à mata, onde são encontradas árvores como o juazeiro, também conhecido por juá, ou laranjeira do vaqueiro, a aroeira e a baraúna.

1.6.1 Caatinga

Caatinga é um bioma (Floresta Tropical Sazonal Seca, com fitofisionomia de caatinga) brasileiro que ocorre no clima semiárido, vegetação com poucas folhas e adaptadas para os períodos de secas, além de grande biodiversidade.

O nome Caatinga significa, em tupi-guarani, "mata branca". Esse nome faz referência a cor predominante da vegetação durante a estação de seca, onde quase todas as plantas perdem as folhas para diminuir a transpiração e evitar a perda de água armazenada. No inverno, devido à ocorrência de chuva, as folhas verdes e as flores voltam a brotar.

Apesar de sua importância ecológica, ainda segundo o Diagnóstico Agroambiental do Município de Paulo Afonso – Estado da Bahia (2004) calcula-se que 40 mil km² da Caatinga já foram transformados em quase deserto, o que é explicado pelo corte da vegetação para servir como lenha e pelo manejo inadequado do solo.

Na pré-história, a cobertura vegetal era diferente da atual, autores como Ab'Saber(1977,1989) infere que houve uma expansão dos climas secos nos períodos glaciais quaternário, tendo por consequência, mudanças na cobertura vegetal de toda a América mapeado que entre 18 e 13 mil anos as "caatingas" predominavam no norte brasileiro. Infere, inclusive, que houve mobilidade dos grupos humanos pré-históricos diretamente associada as mudanças climáticas. (BUCO, 2012, p.46).

Ainda hoje, em Paulo Afonso e entorno, principalmente na área de estudo dessa pesquisa: no Rio do Sal é possível encontrar plantas características, em sua maioria, da caatinga como, por exemplo: craibeiras, *algaroba* (planta nativa do Peru introduzida no nordeste em 1942), umbuzeiro, pau a ferro e pinhão.

1.6.2 Plantas e plantações

Segundo Buco (2012, p.48 cit EMPERAIRE, 1983) foram registradas 382 plantas e dessas 206 tinham uma ou mais utilidades, as plantas terapêuticas são as mais numerosas, seguidas pelas plantas alimentares, estas últimas são raramente consumidas tendo seu uso reservado para os tempos de penúrias, períodos de seca

que já duraram anos. Os dados etnohistóricos indicam o cultivo do milho, feijão, mandioca e algodão, mas esses grupos indígenas emigraram ou foram dizimados por ocasião da penetração europeia neste sertão (Séc.XVII).

1.7 FAUNA

Na linha de identificação faunística as pesquisas Vergner (2009) pontuam que os sítios arqueológicos do Rio do Sal estão localizados na área do Pediplano sertanejo, próximo ao canyon do Rio São Francisco, sertão setentrional baiano. Considerada área rica em sítios rupestres no nordeste brasileiro, pode ser classificada como uma paisagem de afloramentos graníticos que lhe dá uma especificidade em relação às áreas circunvizinhas, sua fauna e flora tipicamente do bioma caatinga, lhe dá caráter de patrimônio paisagístico. A área é aberta de média e fácil visualização inserida entre as árvores que estão dispostas densamente, as mesmas são arbustivas e arbóreas, tais como caatinga, craibeiras, algaroba, umbuzeiro, pau a ferro e pinhão.

2. GRUPOS HUMANOS

Este item procura identificar grupos humanos e se estão associados a cronologia, os primeiros ocupantes associados ao povoamento americano, a busca por detalhamento das sequências culturais utilizadas, neste enclave arqueológico acompanhado de um histórico da pesquisa sobre o sítio arqueológico do Rio do Sal, sitio 41, procurando comparar com as datações mais antigas conhecidas nas Américas; os homens do Holoceno, com o apogeu artístico e tecnológico mostrando uma revisão das datações associadas a arte rupestre; a ocupação indígena que estava nesta área na época do contato e o sertanejo, em especial os do Rio do Sal, que também deixou marcas rupestres nos abrigos da área de estudo, sitio 41, no povoado Rio do Sal.

2.1 O povoamento Americano

Diversos autores (ARAUJO et al. 2008; GUIDON 2008b; NEVES 2006; PARENTI et al. 1999; SANTOS F. & TARAZONA-SANTOS 2002 entre outros), pontuaram que a entrada do Homo sapiens para o continente americano se fez em vagas que, saindo de diferentes lugares, seguiram diferentes caminhos em períodos distintos

Os sítios para os quais se reivindicam as mais antigas datas estariam – complicador adicional – antes a sul do que a norte do continente, contrariando a hipótese de uma descida em que a América do Sul teria sido povoada após a do Norte. Não há consenso sobre o assunto, no entanto na comunidade arqueológica (LYNCH, 1990). Mas, recentemente, uma linguista (NICHOLS, 1990 e 1992), com base no tempo médio de diferenciação de estoques linguísticos, fez suas próprias avaliações e afirmou um povoamento da América que ter-se-ia iniciado há 30 - 35 mil anos. Mais conservadora quanto a profundidade temporal é a estimativa de outro linguista, Greenberg (1987), que mantém os fatídicos 12 mil anos mas estabelece a existência de três grandes línguas colonizadoras que teriam entrado no continente em vagas sucessivas (URBAN, 1992). Tudo isto põe em causa a hipótese de uma migração única de população siberiana pelo interior da Beringia. A possibilidade de outras fontes populacionais e de rotas alternativas se somando a do interior da Beringia não está portanto descartada (CUNHA 1992: 11).

Segundo Buco (2012) alguns autores com pesquisas paralelas e ao mesmo tempo correlatas cujas evidências arqueológicas associadas às distintas áreas do conhecimento científico estão permitindo confirmar a diversidade populacional pré-histórica e atual, assim como pensar e inferir, outras entradas no continente americano para além da teoria clássica do povoamento pela Beringia, como única passagem entre o Pleistoceno e o Holoceno.

2.1.1 Um estudo de caso: Povoado Rio do Sal (sítio 41)

A maioria dos sítios visitados no Rio do Sal estão situados em locais de fácil acesso, protegido por cerca de arames farpados, por pertencerem a proprietários que usam as áreas do campo para criação de rebanhos caprinos, esses proprietários não têm conhecimento do valor arqueológico e histórico dos registros rupestres encontrados em suas terras o que dificulta o processo de estudo, catalogação, proteção e preservação do patrimônio arqueológico.

Os dados apresentados nessa pesquisa estão fundamentados no relatório de atividades – julho de 2008 a janeiro de 2009, organizado pela professora Dra. Vergne e sua equipe com a chancela do Centro de Arqueologia e Antropologia de Paulo Afonso-CAAPA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

O relatório apresenta o resultado obtido pela pesquisa nas prospecções , entre os meses de julho de 2008 e janeiro de 2009, onde foram localizados 48 sítios rupestres destruídos e 64 sítios rupestres intactos, localizados na área arqueológica de Paulo Afonso no Estado da Bahia, no trecho do sub-médio do Rio São Francisco, uma zona que foi utilizada como local de assentamento para as populações de caçadores-coletores que ali paravam pela busca de sobrevivência, por conta da presença do rio, o qual possuía grande quantidade de peixes e água que alimentava os grupos humanos.

Os grupos humanos que se estabeleceram nos terraços arenosos de Xingó-Piranhas, tinham a seu favor fluxos d'água perenes que atendiam a todas as suas necessidades: água de beber, água para cozinhar alimentos, água para preparar o peixe, água para banhar. (AB” SABER apud VERGNE, 2009, p.5)

Dessa forma esses povos ágrafos se fixaram durante algum tempo nesses leitos de rio e deixaram suas marcas ou registro rupestre assinalando sua passagem pela região. E para compreender a dinâmica cultural na pré-história regional, focada nos dados empíricos sólidos, deixados nos matacões, levantou-se hipóteses sobre o modo de vida e cultura desses povos.

Vergne (2009) optou, nesses sítios identificados, pelo estudo sistemático, diacrônico e integral dos registros arqueológicos, porém não em uma esfera que compreenda cultura e natureza como partes dicotômicas, ao contrário, os sítios arqueológicos estão dispostos na paisagem e representam parcelas significativas de como seria: modo de vida, organização sócio-tecnológica e cultura na pré-história.

Sabe-se que as primeiras manifestações artísticas do homem datam do Paleolítico Superior, período que para as pesquisas desenvolvidas nas Américas, ainda não atestam a presença humana. Levando em conta os registros gráficos encontrados nos matacões do Rio do Sal com características próprias dessa área onde as pinturas são

quase todas exclusivas, composta por grafismos puros, inseridos no macro sistema do pediplano sertanejo (platô do canyon) do rio São Francisco, onde existem várias dezenas de áreas que tinham sítios e foram literalmente destruídos por famílias quebradoras de pedras, Vergne (2004) enfatiza:

Os sítios rupestres evidenciados na área de abrangência arqueológica de Paulo Afonso no Estado da Bahia são compostos quase exclusivamente por grafismos puros, ou seja, pinturas que não são reconhecíveis. Quando apresentam formas zoomorfas, antropomorfas ou carimbos, geralmente aparecem isolados e raramente formam uma cena (VERGNE, 2004; VERGNE, et all 2009, pag. 10)

A paisagem natural do sítio estudado, no Rio do Sal, levando em conta que a paisagem enquanto uma ‘construção’ humana, em que se relacionam questões do ambiente natural e do ambiente social, se desenvolve numa vertente da Arqueologia interessada em entender a maneira como as paisagens se conformam. Diante disso foi utilizado os estudos da Arqueologia da Paisagem, cujo objetivo está em estudar as intervenções humanas e como interagem com ela.

A Arqueologia da Paisagem considera as intervenções humanas como construtoras da paisagem; a partir dos vestígios deixados por estas intervenções – construções, gravuras, pinturas, fogueiras, sepultamentos - e de suas relações com os aspectos naturais do lugar em que estão pode-se dizer sobre a maneira como os povos ou grupos que intervieram na paisagem lidavam com o meio (UCKO & LAYTON, 1999; SANTOS, PARCERO & CRIADO, 1997; KNAPP & ASHMORE, 1999). Isso, claro, considerando que a maneira como as pessoas interagem com o ambiente é mediada pela projeção de suas culturas (HYDER, 2004).

2.1.2 A antiguidade da arte rupestre

Na tese de Buco (2015) ela pontua que a Arte Rupestre foi a primeira forma de comunicação gráfica criada pelo ser humano. Ela era feita em paredes, tetos e outras superfícies rochosas, seja de cavernas ou não. Criadas no período Paleolítico Superior, é possível observar esses desenhos em cavernas e rochas de todos os continentes.

Através desses desenhos, muitos estudiosos buscam compreender os costumes e comportamentos das populações humanas daquele período. Os desenhos tratavam

basicamente do cotidiano dos habitantes locais. Eram representados muitos animais, plantas e pessoas.

Dentro da Arte Rupestre, há duas ramificações: a Pintura Rupestre e a Gravura Rupestre. Essa última designa os trabalhos feitos através de incisões nas rochas. Já a Pintura Rupestre era a composição de desenhos com variadas pigmentações.

As primeiras pinturas foram encontradas há cerca de 150 anos na caverna de Altamira, na Espanha, por Marcelino Sanz de Sautuola. Na época, o darwinismo estava se tornando forte nos meios acadêmicos. Segundo a teoria proposta por Charles Darwin, a qual pressupõe a existência de uma evolução dos seres vivos, não seria possível que os humanos do Paleolítico Superior fizessem tais trabalhos artísticos.

Pesquisadores afirmam que os desenhos provavelmente surgiram quando o Homem de Cro-Magnon se estabeleceu na Europa. Mas é importante lembrar que a pré-história europeia está relacionada ao material utilizado pelos homens antigos. Na América, esse desenvolvimento se deu mais lentamente. Por isso, o período conhecido como “pré-história” no continente americano vai até o momento da chegada dos europeus, no final do século XV.

Em relação às idades de cada desenho, ainda é um desafio para a ciência calcular com precisão o período em que foram feitos. Isso porque a datação através de radiocarbono muitas vezes oferece resultados errôneos. Como a medição é feita através de substâncias materiais, é comum que resíduos de outras épocas influenciem no resultado. Estima-se que apenas 5% das cavernas datadas podem dar dados históricos com alguma confiabilidade.

Os sítios de arte rupestre são excelentes materiais para o estabelecimento de uma relação entre os vestígios gráficos neles contidos e suas próprias características naturais. Isso porque as pinturas ou gravuras são fixadas na paisagem.

Ao contrário de outros tipos de vestígios, os “artefatos móveis”, que podem ser deixados em locais que sirvam apenas para descarte e que nada tenham a ver com os locais de suas realizações ou com os locais em que se realizam atividades com eles, as pinturas estão exatamente nos locais em que foram feitas (CHIPPINDALE & NASH, 2004).

Diante do exposto a equipe de Vergne (2009), no estudo as pinturas do Rio do Sal, sítio 41, inicialmente, tentou caracterizá-las como integrante da Tradição Geométrica, entretanto a polêmica em torno da existência desta tradição no nordeste acabou por gerar questionamento, os pesquisadores, no entanto, responsáveis por direcionar a pesquisa, pensaram muito mais em suas particularidades, enquadrando-as nas características comuns as outras regiões do nordeste ou seja levou em conta os aspectos formais, tecnológicos, naturais e sociais dos remanescentes culturais evidenciados.

Pela forte delimitação ambiental entre as pinturas, evidenciando que a atividade gráfica se desenvolveu em meio a um ambiente similar, sendo notória a escolha cultural pelas atividades nos matacões localizadas no platô (pediplano sertanejo) a qual ficou classificada como Tradição Nordeste, sub-tradição Paulo Afonso.

2.1.3 Arte rupestre: da matéria-prima à utilização da técnica

Um dos aspectos mais interessantes nos variados estudos dos pigmentos utilizados para a realização de pinturas rupestres é a seleção e manipulação das matérias-primas. Para estes estudos têm que ser considerados os aspectos geológicos, relacionados com a disponibilidade de matérias-primas, os aspectos culturais, resultantes das diferentes tradições adotadas e finalmente, os aspectos relacionados com a conservação, ou seja, a possibilidade de encontrar somente parte dos pigmentos originalmente utilizados (p. ex: os componentes inorgânicos).

Os estudos dos pigmentos das pinturas rupestres repartem-se, sobretudo entre dois campos: análises para a identificação dos componentes químico-mineralógicos e dos

processos de preparação utilizados nos pigmentos e datações diretas (VALLADAS et al. 1999; TRUJILLO et al. 2010; PIKE et al. 2012)

As matérias-primas necessárias para a produção de quase todos os tipos de tintas são constituídas por pigmentos, aglutinantes, mordentes, solventes e aditivos (p. ex resinas e óleos) (BURGIO & CLARK 2001).

Os pigmentos podem ser classificados como pigmentos naturais ou pigmentos artificiais. Um pigmento é considerado natural quando apenas sujeito a processos de natureza física. Os pigmentos 'artificiais' são obtidos através de processos químicos que alteram a composição originária.

Os pigmentos são também classificados como inorgânicos e orgânicos. Os pigmentos inorgânicos são feitos essencialmente com óxidos metálicos que são identificados com frequências nas pinturas rupestres. Por outro lado, os compostos orgânicos, muito nos registros etnográficos, são muito raramente identificados. Efetivamente, os pigmentos identificados nas pinturas rupestres pré-históricas são, na sua maioria, classificados como naturais e inorgânicos, sendo muito mais raro o reconhecimento dos orgânicos (VANDENABEELE et al. 2000).

Os processos de produção de pigmentos descritos nas fontes históricas incluem a presença de aglutinantes/mordentes de origem orgânica, também neste caso, raramente são reconhecidos nas análises físico-químicas de arte rupestre pré-histórica. As substâncias orgânicas normalmente referenciadas na bibliografia, consideradas como componentes incluídos na preparação dos pigmentos da arte rupestre, são a gema de ovo, sangue, ou gordura animal (VANDENABEELE et al. 2000).

A maioria das pinturas pré-históricas apresenta coloração avermelhada, surgindo em menor proporção figuras em preto e também em branco. Os pigmentos vermelhos são essencialmente constituídos por minerais, em particular por óxidos ou hidróxidos de

ferro (HRADIL et al. 2003). Destes, os mais abundantes na superfície terrestre são a hematite (Fe_2O_3), a goetite ($\text{FeO}(\text{OH})$) e a magnetite (Fe_3O_4).

Genericamente, os compostos que incluem óxidos e hidróxidos coloridos são denominados, desde os tempos clássicos, de ocre - que em grego literalmente significa amarelo.

Muitos dos materiais orgânicos identificados são "concreções" que podem aparecer por razões biogénicas ou climatológicas, associadas à presença de microrganismos que em contato com a humidade e em função das condições de temperatura e exposição solar, se vão mineralizando (biomineralização) (BUZGAR et al. 2009) dificultando, por vezes, a interpretação dos resultados obtidos.

3. OS INDÍGENAS E O CONTATO COM O PORTUGUÊS

Com a chegada dos portugueses, há mais de 500 anos no litoral brasileiro, a vida dos povos indígenas sofreu uma mudança sociocultural. Marcados com a impactante chegada das naus que aportavam no litoral, o europeu e o ameríndio começaram a dividir seus mundos e suas culturas.

Inicialmente o choque não foi tanto, até mesmo porque os nativos nunca tiveram este contato e não sabiam das intenções severas advindas do homem branco (que inicialmente era gente mandada pelo deus Maíra, o criador). Na carta de Pero Vaz de Caminha, em 1500, diz somente que os ameríndios de forma pacífica fixaram o olhar no colar do capitão e simplesmente acenaram para a terra afirmando que lá também havia ouro.

Os portugueses pensaram encontrar selvagens que os atacassem, mas o que encontraram foram povos diferentes que se mostraram receptivos e amigáveis. Essa carta registra o primeiro nome de nossa terra e mostra que aqui não era às Índias como Colombo pensara, mas a América do Sul, chamada de "Ilha de Vera Cruz".

Os europeus se encantaram com tamanha diferença encontrada entre eles e os índios, e viram que tamanho eram os hábitos, costumes próprios deles. Estes foram usados de maneiras diversas, desde a infiltração da cultura europeia (religião, arte, etc.) até a imposição do trabalho (produtos, defesa do território) e redução de suas populações (guerras).

De acordo com os dados do IBGE (2000), estima-se que existiam entre um milhão e cinco milhões de indígenas no Brasil, divididos em 1.400 tribos indígenas e 1.300 línguas diferentes em 1500.

Por causa dos poucos registros históricos, é impossível saber precisamente a quantidade de indígenas que habitavam no Brasil, Porém, atualmente, na região nordeste do Brasil, com exceção dos Fulni-ô de Águas Belas (Pernambuco), os grupos indígenas não falam mais a sua língua, resultado de um longo processo de aculturação.

A História registrou que, no Nordeste, nos primeiros séculos da colonização, existiam povos que falavam línguas ligadas ao tronco Tupi (Tupinambás, Tupinaés, Potiguares, Tabajaras), e os Tapuias, aqueles que falavam diversas línguas diferentes, algumas relacionadas ao tronco Macro-Jê (Kariri e Fulni-ô). De modo geral, no momento da colonização, os índios falantes da língua Tupi se encontravam mais no litoral e os Tapuias mais no interior, genericamente passou-se a chamar os “não falantes” da língua Tupi de Tapuias, encontrando, portanto nessa denominação, povos de culturas bastante diferentes. (GUIDON *et al.* 2002).

Parece ter existido uma intencionalidade de ocultar a diversidade étnica dos grupos indígenas que habitaram o Nordeste.

MORAIS *et al* (2004) e VERGNE (2009, P.14), dizem que:

O patrimônio cultural é a representação da memória sendo o arqueólogo a sua materialidade. Em outras palavras, trata-se do conjunto de expressões materiais da cultura referente aos povos indígenas pré-coloniais e aos diversos segmentos da sociedade nacional, inclusive as situações de contato inter-étnico. Potencialmente incorporáveis a memória local, regional ou nacional, o patrimônio arqueológico compõem parte da herança cultural legada pelas gerações do passado as gerações futuras.

A procura de elementos que levem à associação de um ou mais grupos indígenas aos vestígios arqueológicos encontrados na região do Complexo Paulo Afonso, principalmente no Povoado Rio do Sal, ainda carece de mais dados que façam uma ligação entre as pinturas deixadas nos abrigos e matacões e aquelas encontradas em outras regiões brasileiras. O trabalho exaustivo dos pesquisadores e sua busca para esclarecer os fatos registrados nos paredões são pistas que não se pode ignorar da presença desse grupo. Relacionando-os à Pré-história.

4. O SERTANEJO E A OCUPAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE

Segundo Silva (2018) o Nordeste brasileiro representa a primeira zona de povoamento criada pelos conquistadores portugueses, que iniciaram a colonização a partir do litoral nordestino, que favorecia a ocupação em razão da presença de melhores condições naturais, como uma porção litorânea vastamente recortada, ideal para a navegação de cabotagem, e o relevo plano próximo ao mar.

Durante quase três séculos (XVI até o XVIII) a região Nordeste concentrou a maior parte da população e grande parte das riquezas do Brasil. O sistema de acumulação baseado na cana-de-açúcar, ao contrário do café no Sudeste, ocorreu num momento em que a ocupação brasileira representava o enriquecimento da metrópole através da exploração da colônia. Ainda que se discuta que no estado de São Paulo as riquezas se concentraram com os Barões do Café e não proporcionaram um equilíbrio na distribuição de renda, tal acumulação ocorreu num outro contexto histórico, pós-Revolução Industrial, sendo utilizada na modernização da infraestrutura e induzindo a formação de uma classe social capaz de investir em empreendimentos que se instalaram efetivamente no território brasileiro.

Por outro lado, a pecuária extensiva foi responsável, ainda durante o século XVII, pelo início da interiorização da ocupação no Nordeste. Afastado da Zona da Mata para não comprometer a lavoura de cana, o rebanho bovino seguiu pelo Agreste – faixa transitória entre as áreas úmidas e as porções de clima seco – até alcançar o Sertão. A

pecuária extensiva nordestina realizada no Agreste e no Sertão chegou a atrair até mesmo imigrantes paulistas para a região Nordeste. A figura do sertanejo, vaqueiro acostumado às condições extremas impostas pela seca existe até os dias atuais em diversas cidades nordestinas.

Com a expansão da pecuária para o sertão, surge a necessidade de fixação dos colonizadores na região, que ao contrário da ideia geral de que era despovoada, se encontra habitada por índios de diversas culturas. A solução para o problema da presença de índios no sertão foram basicamente duas: 1) Contratação dos “sertanistas de contrato”, que eram especialistas em caçar índios, contratados para combater índios e negros rebeldes; 2) Pacificação e aldeamento dos índios por parte das missões religiosas.

4.1 A colonização

Segundo Gaspar (2003) antes do descobrimento, o indígena americano, nômade e errante, vagava pelo litoral e florestas do Brasil. Ele pertencia às grandes nações dos Tupis, Gês, Nu-Aruaks e Caraíbas.

Em 1500, com a chegada de Pedro Álvares Cabral trazendo os primeiros colonizadores, o Nordeste foi a primeira região do País a ser ocupada pelos portugueses, assim como sua costa foi também a primeira área a ser explorada. Os interesses de Portugal, no sentido de explorar os recursos naturais brasileiros, fizeram com que o território fosse dividido, então, em capitanias e sesmarias. O povoamento se iniciou no século XVI, com a colonização do litoral e as "entradas" e migrações pastoris para os sertões.

Com o estabelecimento do Governo Geral do Brasil na Bahia, em 1549, a colonização irradiou-se, através de expedições armadas, para o norte do País. No final do século XVI, então, Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba já tinham sido incorporados ao território conquistado. A chegada a Sergipe, por sua vez, abriu o

caminho para o sertão e, dele, os portugueses chegaram até o Parnaíba. No Maranhão, em expedições contra os franceses, os primeiros colonizadores desbravaram o litoral e parte do sertão.

Diante dessa expansão o Nordeste tornou-se uma das cinco regiões em que se divide hoje o território nacional, ele abrange nove Estados. A região tem uma área total de 1.553.917,1 km².

Em 1940 houve mudanças na divisão territorial do Brasil que foi dividido nas seguintes regiões: Norte, Nordeste, Este, Sul e Centro-Oeste. Hoje, são assim denominadas: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. A partir de 1950, os Estados do Maranhão e Piauí passaram a fazer parte da Região Nordeste (antes pertenciam ao Norte) e, na década de 1970, também o Estado da Bahia foi incorporado à Região.

Nos dados do IBGE (2010) o Nordeste pode ser dividido em quatro grandes regiões naturais e geográficas: Zona da Mata, agreste, sertão e meio-norte.

A região da Mata Atlântica e do litoral oriental estende-se do Rio Grande do Norte até o sul da Bahia, ocupando as terras a leste da região. Pode ser considerada como a mais importante do Nordeste porque nela se concentra grande parte da população, assim como seu parque industrial e atividade agrícola.

O agreste representa uma região de transição entre a mata e o sertão. Com áreas muito secas e úmidas, a paisagem do agreste caracteriza-se pela diversidade, funcionando como uma típica miniatura do Nordeste.

O sertão e o litoral setentrional do Nordeste ocupam, aproximadamente, 49% de toda a região. O sertanejo está sempre preocupado com a seca, uma vez que, desde os tempos coloniais, com maior ou menor intensidade, ela vem ocorrendo sistematicamente. No sertão existe a chamada ribeira do Rio São Francisco, isto é, a presença do grande rio brasileiro atravessando as áreas mais secas do Nordeste. Esse

rio possui um regime muito irregular, havendo, na época chuvosa, a inundação de ilhas e terras marginais.

O Rio São Francisco, denominado rio da integração nacional, tem no seu potencial hidrelétrico a grande importância para o desenvolvimento regional. As suas principais usinas são Sobradinho, Itaparica, Complexo de Paulo Afonso e Xingó, que abastecem a região nordeste com sua energia e água que mata a sede das comunidades ribeirinhas, ressaltando-se as usinas teve como ponto negativo uma série de problemas, conflitos socioambientais (“atingidos por barragens”), além do desequilíbrio ecológico.

CAPITULO II - A HISTORIGRAFIA DA ARTE RUPESTRE NO BRASIL

A necessidade dos grupos humanos deixarem suas mensagens nas rochas a partir de pinturas, gravuras e desenhos são atividades antigas; essas mensagens são espécies de memória social dos grupos humanos que a produziram, cujo significado foi perdido ao longo do tempo e da história.

As manifestações gráficas dos primeiros homínídeos estão relacionadas ao seu desenvolvimento físico e mental. Estas se deram à medida que se desenvolveram no sentido de se adaptarem ao ambiente e às mudanças climáticas do mundo em seu tempo (LEWIN, 1999). Estas atividades demonstram um intuito de transmitir ou depositar uma informação e/ou mesmo ser uma atividade lúdica para aguçar as habilidades manuais.

A pintura rupestre indica, relativamente, que não deveríamos distinguir sociedades “sem história” e sociedades “com história”. Seguramente, todas as sociedades humanas têm uma história, igualmente longa para cada uma, pois esta história remonta às origens da espécie. Porém, enquanto que as sociedades chamadas primitivas se banham em um fluído histórico, retratado em parte nas pinturas rupestres, ao qual se esforçam por permanecer impermeáveis, nossas sociedades interiorizam, valha a expressão, a história, literal, para convertê-la no motor de seu desenvolvimento (RUBINGER 1979: 79).

A arte pré-histórica foi descoberta pelo meio acadêmica na segunda metade do século XIX, tendo seu reconhecimento apenas no início do século XX. Contudo, relatos desse tipo de manifestações simbólicas remontam à antiguidade em vários continentes do mundo, tal como apontam Laming-Empeaire (1951) e Guinea (1980).

1. DOCUMENTACAO PERTENCENTE À ARTE RUPESTRE

Os primeiros registros sobre a arte rupestre brasileira remontam ao século XVI, quando os europeus iniciaram o processo de colonização do continente americano.

1.1 Primeiros documentos escritos

A arqueologia científica brasileira desenvolveu-se na metade do século XIX e início do século XX, período no qual se fomentou a construção de uma identidade nacional por meio do desenvolvimento de pesquisas no campo da História, Antropologia e Geografia. Este movimento atraiu a vinda de muitos naturalistas estrangeiros que empreenderam seus esforços na investigação e construção da história do Brasil (CAVALCANTE, 2008).

O primeiro documento histórico que relata a presença de gravuras rupestres está contido na Nova Gazeta Alemã, de 1511, no qual se afirma terem sido encontradas as pegadas de São Tomé, no Brasil (SCHULLER, 1915). Essa presença de São Tomé reforçou a ideia da catequização dos indígenas brasileiros, o que fez com que Padre Manuel de Nóbrega (1517-1570) fizesse menção às “pisadas figuradas” em uma rocha, atribuídas a Tomé, na obra Cartas do Brasil (CORREIA, 1992).

O Frei Vicente de Salvador (1564-1635) relatou a existência das pegadas de São Tomé na capitania hereditária da Bahia, sendo que a presença do santo teria se dado em contato com os nativos por meio da tentativa de repasse dos valores do cristianismo (SALVADOR, 1965).

Entre o final do século XVIII e início do século XIX, o padre Francisco Teles de Meneses registrou relatos de pinturas e gravuras rupestres nos estados da Paraíba, Ceará, Pernambuco e Piauí. Totalizando 274 sítios arqueológicos, seus escritos na obra Lamentações brasílicas levantaram a hipótese de que seus significados podem estar associados à forma de linguagem e/ou relacionados a noções astronômicas (GASPAR, 2003). Posteriormente, esses relatos de padre Francisco Teles foram severamente criticados e considerados imaginários por Tristão de Araripe (1821-1908), em seu livro Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil, em 1896 (PINTO, 1935).

1.2 Primeiras ilustrações

As primeiras ilustrações são associadas aos primeiros homínídeos, como o *Homo erectus*, o *Homo habilis* e o *Homo antecessor*, a quem são atribuídas às primeiras manifestações culturais no passado. O *Homo erectus* teria usado pigmentos preparados para pintar alguns objetos cerca de 300 mil anos atrás (PROUS, 2007B). As gravuras rupestres mais antigas estão localizadas na Alemanha, remontando a um período entre 300 a 250 mil anos atrás, demonstrando a prática da arte rupestre por homens pré-sapiens (PESSIS, 2002).

Diversos autores pontuaram que o *homo sapiens* e *homo de neanderthal* aprenderam a representar o mundo a partir de pinturas e gravuras no interior das cavernas europeias, entre 40 a 10 mil anos atrás, coincidindo com um período de clima frio na região (LEROI-GOURHAN, 1984); (BAHN, 2012). A arte pré-histórica é um importante indicativo para se compreender o cotidiano desses grupos. Os registros gráficos são uma espécie de porta para se adentrar nesse universo simbólico, sobretudo em decorrência da falta de registros escritos inteligíveis como se pode constatar nas pesquisas de (GAMBLE, 2002; JUSTAMAND, 2011).

2. DOCUMENTOS LIGADOS A ARTE RUPESTRE DO NORDESTE

No contexto da arte rupestre na região nordeste, a primeira classificação acadêmica foi realizada por Valentin Calderón (1983), que formulou duas tradições rupestres na Bahia, quais sejam: 1ª) a Simbolista, que contemplava símbolos que remetiam ao campo do geometrismo, sendo que não era possível identificar nitidamente suas formas, com a presença da fase Manciaçu, de grafismos de coloração vermelha, preta e branco; 2ª) a Realista, de fácil reconhecimento visual e que se encontrava dividida nas seguintes fases: Irecê, presença de antropomorfos com coloração vermelha ou branca; Jaboticaba, grafismos de antropomorfos de coloração e quase nenhuma esquematização; Itacira, antropomorfos com alto grau de estilização (MONZON, 1982).

As pesquisas acadêmicas no campo da arte rupestre desenvolveram-se na região nordeste nas décadas 70 a 80 do século XX, tendo como referencial a conceituação

das ideias do PRONAPA e, deste modo, utilizando conceitos como fase, tradição, estilo e subtradição como elementos classificatórios na arte rupestre brasileira, gerando uma série de discussões no campo da teoria arqueológica brasileira (SCHMITZ, 2009).

3. AS DESCOBERTAS DA ARTE RUPESTRE: PESQUISA E COMPREENSÃO

Durante as décadas de 70 a 80, foram pesquisadas as principais tradições rupestres, delimitando suas características dominantes e sua distribuição geográfica ao longo do território nacional. Pesquisadores como André Prous, Niède Guidon, Pedro Schmitz, Gabriela Martin, Anne-Marie Pessis, Edithe Pereira e Pedro Mentz Ribeiro contribuíram de forma significativa para o conhecimento da arte rupestre no Brasil, levando em consideração os seguintes encaminhamentos da pesquisa: 1º) determinação estilística: análise comparativa dos grafismos, a fim de delimitar um determinado estilo e diferenciá-lo de outro; 2º) determinação da evolução dos estilos: classificar a idade relativa dos grafismos; 3º) interpretação da arte rupestre: no intuito de buscar os significados dos grafismos rupestres e a construção de uma explicação plausível (PROUS, 1992; SOLÁ, 2000).

3.1 Arte rupestre como escrita

Segundo Brandao (1937) A escrita é classificada nos seguintes sistemas: Mnemônico, aquele que aviva a memória por meio de signos e objetos; Ideográfico, no qual os signos, às vezes, representavam uma qualidade ou função de um determinado ser ou de uma coisa (estrela significa noite); Fonético, os caracteres representativos de sons alfabéticos tem o som de uma letra.

Em relação à escrita pré-histórica do Brasil, Alfredo Brandão (1937) acreditava que essa escrita pertencia a todos os sistemas, elas contêm em si todas as formas, não corresponde a uma única escrita, mas diversas escritas que se diferenciam, gráfica e significativamente, no tempo e na distância, guardando um fundo comum de origem. Baseado nas analogias entre os caracteres simbólicos comparados das louças de

Marajó (Marajoaras) publicados nos Arquivos do Museu Nacional por Ladislau Netto (1882) construiu mais analogias e tentou explicar esses caracteres.

3.2 Levantamento da arte rupestre

A partir de 1968 surgiram os primeiros levantamentos sistemáticos, limitados a poucas regiões, acompanhando o nascimento da arqueologia profissional no Brasil.

Os resultados numéricos das experiências explicam mais um fenômeno surpreendente na rocha: a existência – além das linhas (sulcos) e dos pontos (depressões redondas) das depressões ovais. Qualquer que seja o sentido das gravações parece agora provável que o artista, em muitos casos, substituiu o ponto (depressão redonda) por depressão oval porque, para produzir o primeiro, removeria só 8 mms³ de material por minuto, enquanto que com a técnica dos ovais conseguiu remover mais de três vezes mais da pedra, e no resultado final e no aspecto o sulco curto difere muito pouco da depressão redonda. As depressões ovais são, portanto, uma expressão de uma tendência de economia no trabalho (AYTAI 1970: 34-35).

Segundo o autor é muito improvável que alguém, um índio, trabalhe durante 21 meses na execução de uma “brincadeira” artística sem finalidade e sem mensagem.

4. CATEGORIA APLICADA A ARTE RUPESTRE

Nas palavras de Netto (2001) e Reis (2010), a construção de um arcabouço teórico e metodológico e uso de categorias abstratas como tradição, subtradição e estilo contribuíram para o avanço dos estudos de arte rupestre, mas o significado dos termos pode sofrer variações a depender do pesquisador, de perspectiva teórica ou de região:

Com o crescimento dos estudos de Arte Rupestre no Brasil e o desenvolvimento de suas metodologias, essa especialidade vai assumindo os contornos que apresenta atualmente. Tal crescimento acarreta a necessidade de criação de mecanismos que possam sintetizar os dados observados e, ao mesmo tempo, transferir a informação obtida. Assim, surgem os mecanismos tradicionais de representação da Arte Rupestre, suas unidades classificatórias como, por exemplo, os conceitos de Tradições, Estilos e outros. No entanto, a definição desses conceitos nunca foi realizada de modo equitativo nos diversos grupos que compõem a comunidade de arqueólogos brasileiros. Cada grupo, através de uma linha teórica própria, definiu de maneira particular o que entendia como cada unidade classificatória, de acordo com os seus princípios constitutivos. (NETTO, 2001, P. 14-15)

Netto (2001) inteira, ainda, que existem barreiras na transferência de informação entre os painéis:

A situação vem se agravando pela criação de novos conceitos de representação, já que muitos pesquisadores consideram que toda ou parte dessas unidades não detêm o poder de representar, de maneira satisfatória, a realidade sensível da Arte Rupestre. A proliferação de conceitos e unidades classificatórias de um mesmo tema de estudo tem levado à produção de sérios problemas de comunicação científica entre pares, como foi apontado por Consens & Seda (1990). O principal problema de comunicação diz respeito à transferência de informação, já que a informação contida nos painéis de Arte Rupestre, devido aos problemas de sua representação, produzem barreiras na transferência da informação de um polo a outro de uma cadeia comunicacional, isto porque há pouco ou nenhum entendimento por parte do receptor da informação transferida. (NETTO, 2001, P. 14-15)

Pontuado por Martin (2008) o conceito de tradição rupestre faz referência à prática de uma recorrência estilística por um grupo cultural em um determinado período cronológico e em espaço geográfico circunscrito (grandes regiões rupestres); a subtradição diz respeito a uma especialização de uma tradição rupestre, mantendo um padrão geral estético, mas contendo elementos diferenciadores; já o estilo é uma maior especialização da tradição, de modo que possui mais elementos diferenciadores, mas mantém um uma recorrência técnica.

4.1 Tradição no Brasil

Bednarik (2007) assevera que os arqueólogos prezam por criar estilos na arte pré-histórica — em detrimento de visar a métodos e técnicas confiáveis de datações diretas e indiretas —, gerando, assim, uma série de problemas conceituais e de ordem linguística no campo da ciência.

A classificação da arte rupestre brasileira encontra-se segmentada em tradições e agrupamentos que estão espalhados pelas várias regiões do Brasil, demonstrando, assim, a abrangência cultural dos povos pré-coloniais no Brasil:

À primeira vista, podemos determinar algumas grandes unidades regionais. Trata-se evidentemente de uma aproximação, já que existente sempre uma certa

variabilidade de intra-regional, que pode demonstrar evoluções culturais no tempo, no espaço, ou funções distintas. Além disto, se reconhecemos grandes tradições regionais, suas manifestações podem se misturar ou se superpor, particularmente nos territórios fronteiriços, por exemplo, no estado de Goiás. As unidades rupestres receberam nomes variados, sendo que a categoria mais abrangente é geralmente chamada de 'tradição', implicando uma certa permanência de traços distintivos, geralmente temáticos. 'Estilos' são frequentemente definidos como subdivisões (Prous, Guidon), particularmente a partir de critérios técnicos, enquanto que, nas regiões mais estudadas ou mais complexas, a necessidade de chegar até um nível suplementar levou N. Guidon a considerar 'variedades' e A. Prous 'fácies', que correspondem ao mesmo tipo de realidade. (PROUS, 1992, P.511).

4.2 Tradição Nordeste

Tradição Nordeste (Pintura): é predominantemente formada por temáticas de figuras de antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos, com um fácil reconhecimento visual e temático de cenas de caça, dança, cerimônias religiosas e cenas sexuais; abrange os estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Paraíba, Piauí e Minas Gerais, sendo elaborada a partir dos trabalhos das pesquisadoras Niède Guidon, Silvia Maranca, Anne-Marie Pessis, Susana Monzon, Laurence Ogel-Ross e Bernadette Aranud, tendo possível origem no estado do Piauí (MONZON, 1978; GUIDON, 1991; PESSIS, 1999; GUIDON; LAGE, 2003; MARTIN, 2008; MARTIN; VIDAL, 2014).

As principais subtradições da Tradição Nordeste são: Salitre: “[...] é caracterizada pela presença de grafismos de composição (figuras de antropomorfos, zoomorfos, de ação geralmente de cenas) e de grafismos puros (PESSIS, 1992, p. XX). “Estes últimos, que geralmente designamos ‘sinais’ ou ‘figuras geométricas’, são minoritários. As figuras antropomorfas e zoomorfas distribuem-se equitativamente e formam um conjunto numericamente superior àquele das representações de objetos e de figuras fitomorfas. “Os grafismos de ação são muito numerosos” (OGEL-ROSS, 1985, p. XX).

A outra subtradições da Tradição Nordeste é Várzea Grande: [...] composta por três estilos, quais sejam: Serra da Capivara, Complexo estilístico Serra Talhada e Serra Branca (GUIDON, 1991). Localizadas no PNSC; Seridó, que abrange uma região entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba; e Central, localizada no sertão da Bahia e na

Chapada Diamantina, existindo também na região norte do estado de Minas Gerais (MARTIN, 1984, 2008; SCHMITZ ET AL., 1997 A; SCHMITZ ET AL., 1997 B; PROUS, 2007 A; AZEVEDO, 2010).

4.3 Tradição Geométrica Sub-tradição Paulo Afonso

Segundo Vergne (2004) os sítios rupestres evidenciados na área de abrangência Arqueológica de Paulo Afonso no Estado da Bahia são compostos quase que exclusivamente por grafismos puros, ou seja, pinturas que não são reconhecíveis. Quando apresentam formas zoomorfas, antropomorfas ou carimbos, geralmente aparecem isolados e raramente forma uma cena. Por não se enquadrar essa forma de arte nas principais tradições Nordeste do Brasil: Nordeste e Agreste (MARTIN, 1999), diante disso, Vergne diz:

Inicialmente tentou caracteriza-la como integrante da extinta Tradição Geométrica, entretanto a polêmica em torno da existência desta tradição no Nordeste acabou por desestimular os pesquisadores na época, porém foi responsável por redirecionar a pesquisa, pensando muito mais em suas particularidades, nos atermos à necessidade de enquadrá-las nas características comuns às outras regiões do Nordeste. Isto é, pensar nesse registro, levando em conta os aspectos formais, tecnológicos, naturais e sociais dos remanescentes culturais aqui evidentes (VERGNE, 2009, p.10)

CAPITULO III - PESQUISA E METODOLOGIA

Antes de mergulhar nessa pesquisa, uma das atividades desenvolvida para o trabalho foi a respeito da necessidade de encontrar informações em documentos, literatura, em testemunhos orais, fotos, pinturas, etc.

A metodologia está sub-dividida em três partes, com distintas etapas: num primeiro momento apresentou-se os temas e as bibliotecas pesquisadas para fundamentar esta pesquisa, sendo que as referências encontram-se no final do TCC.

No segundo mostra-se os resultados da pesquisa de campo, específico do Rio do Sal, que consistiu de três etapas: uma primeira que foi composta por Prospecção arqueológica, na qual se apresentou uma descrição das diversas prospecções realizadas na área, salientando os diferentes sítios arqueológicos encontrados; uma segunda etapa composta da apresentação das técnicas utilizadas e os resultados obtidos nos distintos levantamentos fotográficos, estabelecendo critérios distintos para painéis de levantamento e de análise e, uma terceira etapa descritiva associada aos sítios arqueológicos localizados.

A terceira pontua que a metodologia baseou-se na leitura e revisão de artigos para averiguar algum registro ou indicação que localizasse vestígios ou referências que conduzissem a novas informações sobre os sítios arqueológicos visitados, fazendo uso da pesquisa documental.

Recorreu-se também para outras fontes, como relatórios de diagnósticos arqueológicos (VERGNE, 2009) desenvolvidos no município de Paulo Afonso/BA, sendo estes encontrados no Centro de Arqueológico e Antropologia de Paulo Afonso – CAAPA. Estes relatórios contêm relatos de prospecções de campos e entrevistas feitas com moradores próximos a área abordada, que comentam sobre a existência de sítios arqueológicos. Observou-se que nesses relatórios se encontravam, com maior facilidade, informações sobre sítios já mapeados.

Na análise de Arte Rupestre, salienta-se que os resultados foram compostos pelo reconhecimento e estudo do material fotográfico existente sobre a comunidade do Rio do Sal que consistiu na análise tipológica das figuras que compunham a integralidade de um conjunto de sítios arqueológicos do Complexo Paulo Afonso pré-estabelecidos e a última etapa foi composta pela análise preliminar do conjunto de cenas (estudo detalhado das composições formada pelas diferentes figuras rupestres, associadas a temas do universo conhecido de um conjunto de sítios pré-estabelecidos).

1. PESQUISA DE CAMPO (Povoado Rio do Sal)

1.1 Prospecções arqueológicas

Vergne (2009) pontua que as prospecções sistemáticas tiveram como objetivo a evidenciação e georreferenciamento do registro arqueológico visível. No caso do Rio do Sal os registros pontuaram os sítios rupestres existentes e destruídos. Esse procedimento escolhido foi o full-coverage survey ou prospecção de cobertura total (Fish & Kowalewshi, 1990; De Blasis & Morales, 1995), adaptadas à realidade, identificando, georeferenciando e fotografando os sítios rupestres. Optou-se por esse procedimento, citado acima, por ser um modelo que se adapta ao meio físico-biótico pesquisado e que oferece coerência com a totalidade, diversidade e distribuição dos sítios arqueológicos na paisagem, principalmente os que tem relação com o sistema de assentamento.

1.2 Histórico

Os registros rupestres, integrantes do universo cultural de um grupo, compreendem características ligadas ao universo simbólico. A organização social e tecnológica, ao modo de produção, funcionando como um ato de comunicação, de demarcação territorial, autoafirmação da identidade étnica, entre outros. Nesse caso, podem ser compreendidos e interpretados (SEDA, 1997 [SIC]) dentro de uma noção sistemática e, alicerçada numa abordagem dos pressupostos de Lemonnier sobre tecnologia. Na medida que se acredita na existência de toda uma cadeia de fatos (operatório) para a confecção dos painéis rupestres que forneceram subsídios importantes para inferência (VERNE, 2009, p.11)

1.3 Tipos de sítios arqueológicos cadastrados

Os sítios localizados e mapeados com existência de pinturas rupestres, próximos aos cursos dos riachos intermitentes, tiveram sua localização superficial, já que não houve

nenhuma intervenção negativa de ocorrências arqueológicas em sua área de enclave geoecológicos.

Não foi localizado sítios a céu aberto na região do pediplano, com exceção de ocorrências isoladas, associadas a existência de água superficial (leito de riachos, paleolagoas, cacimbas, etc).

Registrou-se a perda de 47 sítios na região do Rio do Sal, provenientes do intenso impacto ambiental, a qual foi contida pela ação do poder público em 2008, criando alternativas de evitar a quebra de pedras pelos moradores dando-lhe outra forma de fonte de renda. Porém, é preciso ressaltar que os gestores municipais que assumiram a prefeitura nos pleitos seguintes não tiveram o mesmo empenho.

Os 64 sítios intactos que restaram na localidade foram mapeados e seus registros rupestres fotografados. A equipe científica a frente da pesquisa necessita de investimento financeiro e amparo legal para da continuidade ao trabalho com novas prospecções e projetos de conservação.

2. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Foram realizadas fotografias nos matacões e no contexto ambiental dos sítios destruídos e nos intactos. As características morfológicas dos sítios foram anotadas em cadernos de campo detalhando sua paisagem regional e estado de conservação bem como seu registro no IPHAN.

CAPÍTULO IV - O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

1. Sítio 41

O Sítio 41 (AFC – Marcos) tem as coordenadas N 8953734 e coordenadas E 592162, com Latitude 09.27.50 e Longitude 38.09.37

A pesquisa contextualizada permitiu inferir que aconteceram, momentos de movimentos culturais no Rio do Sal, onde distintos grupos culturais deixaram o seu grafismo. São momentos de ocupações pré-históricas e ocupação histórica. Não há nenhuma datação direta de pigmentos, porém foram encontrados e estudados ocres com marcas de uso, placas com pinturas, godês e painéis associados aos contextos arqueológicos com diversos vestígios da cultura material.

Exceto o período histórico não há vestígios da cultura material que permitam afirmar que moraram naquele vale, tem-se apenas evidência de uma intensa ocupação temporária.

Escolheu-se uma figura para ser o elemento analítico norteador das etapas seguintes. Nessa figura, a predominância imagética visual do Rio do Sal é a figura de desenhos geométricos direcionados para cima, elas são de diversos tamanhos, cores e traços distintos.

A escolha de um tipo de representação, pode ser indicativa da permanência de um rito importante para gerações que resolvem perpetuar um gesto, um movimento, diretamente associado ao indivíduo.

1.1 Descrição do abrigo

O sítio 41 teve sua proteção destruída (passarela), o estudo da sua pintura, como as demais fotografadas analisadas na área citada, por Vergne (2009, p.12), partiu do

pressuposto de que o registro abstrato evidenciado, na área fotografada, está vinculada a um ato de comunicação, sobretudo relacionada a expressão étnico-cultural, visto que os homens pré-históricos sempre tiveram a prática de demarcar seu meio com sinais e símbolos que poderiam indicar vários itens, a saber:

- Demarcação de territorial
- Rituais mágico-simbólicos
- Auto-afirmação de identidade étnica
- Descrição de atos do cotidiano, etc.



Fonte: a autora

1.2 Análise dos vestígios da cultura material

Segundo Vergne (2009) essas pinturas rupestres trazem em si sinais de demarcação territorial ou abstrações compreensíveis aos que as produziram em períodos pretéritos. Essas marcas são importantes para pontuar a passagem e fixação, mesmo que temporária, de uma sociedade pré-histórica. Onde a ênfase esta, presumidamente, baseada na compreensão das inter-relações homem/meio e homem/homem como foi muito bem destacado em Morais (1999^a, 1999b,2000,2001,20002,2006 et al VERGNE, 2009, P.9).



Fonte: a autora

Sobre essa temática VASQUES, 2009, diz:

O estudo dos registros rupestres variou consideravelmente no decorrer do tempo. No século XIX predominava a idéia (sic) da “arte pela arte”, ou seja, a realização de pinturas e gravuras se dava apenas pelo prazer estético dos grupos humanos primitivos. Ainda que a questão estética não possa ser descartada, a presença de grafismos em locais de difícil acesso indicava que esta explicação era simplista e precisava ser revista (GASPAR, 2003, p. 22). A hipótese que afirmava ser a magia simpática a chave de interpretação para as pinturas do Paleolítico europeu foi posta, pela primeira vez, pelo abade Henri Breuil. A analogia etnográfica com grupos tribais que estavam sendo estudados pela etnologia do final do século XIX e início do XX serviu de estímulo para o emprego deste tipo de interpretação. No entanto, não podemos simplesmente transpor dados colhidos de sociedade tribais contemporâneas a atribuí-los às pinturas rupestres pré-históricas. Cenas de caça, comuns na Pré-história mundial e brasileira, podem ser interpretadas de diversas maneiras e, provavelmente, não existe uma explicação única para estas representações visuais. (VASQUES, 2009. P.1)

Mediante o exposto fez-se a análise da paisagem natural do sítio 41, no povoado Rio do Sal, envolvendo procedimentos de fotointerpretação, com objetivo de pontuar dados sobre a paisagem regional e sobre o ambiente do sítio pesquisado, pontuando o conhecimento e entendimento dos aspectos culturais – pré-históricos - da paisagem, métodos de prospecção e identificação do sítio, bem como os registros e documentação dos grafismos nele contido, a fim de compreender o sítio com suas pinturas e suas relações com aspectos paisagístico local, que pode ser interpretado como um processo de construção cultural da paisagem, em que há uma relação íntima com o ambiente.

2. A ARTE RUPESTRE

O sítio arqueológico, 41, do povoado Rio do Sal em evidência nessa pesquisa é um entre as dezenas do Complexo Arqueológico Paulo Afonso, que além de ter figuras representativas da Tradição Nordeste, Tradição Geométrica: sub-tradição Paulo Afonso (VERGNE, 2009), traz nos seus traços muito das marcas de um povo que deixou sua história registrada nos matacões da região.

São muitos os sítios que se pode associar à uma ocupação histórica por diversos vestígios da cultura material, é a arte pintada e gravada que marca a presença nesse período pós-contato, definindo como Tradição Geométrica: Sub-tradição Paulo Afonso.

Se for analisar as figuras a seguir pode-se incorrer erros gravíssimos, pois na abstração dos grafismos puros do sítio 41 não há como descreve-lo sem fugir a veracidade dos fatos, pois eles como grafismos puros são indescritíveis na sua fidelidade. Apenas é possível pontuar que esses registros são testemunhos etnográficos como marcadores da presença desse grupo na região, os quais podem ser avaliados como assentados há séculos ou há milênios (VERGNE, 2009, p.6).



Fonte: a autora

Ao observar o *corpus* pictórico na ótica do movimento, centrado na relação espaço-tempo percebe-se sinais explicativos no qual os universos, natural- subsistência e simbólico-imaginário se faz presente.



Fonte: a autora

O grupo que pintou essa arte com essas características, preferiu representá-las no Rio do Sal, se era um grupo confinado aquela área, ou um grupo cultural que, com uma determinada intenção simbólica optou por representar dessa maneira nesse lugar e de outra maneira em outro local, não se pode confirmar, mas cada matacão tem uma marca diferente.



Fonte: a autora.

Pode-se afirmar que essa composição representa a identidade do Rio do Sal, foi nesse espaço/abrigo que o grupo pretérito escolheu para pintar essa cena, esse tema, uma fusão dos dois universos, ainda desconhecido na sua mensagem e porquê.

Optou-se em não discutir questões estilísticas (conceitos e pré-conceitos) apesar de que, foi necessário apresentar os conceitos de tradição, sub-tradição e estilo para compreensão da análise utilizada na região e as diversas relações associada com os resultados dessa análise.

A principal razão de conflito (classificação da tradição do sítio), que fez não aplicar as classificações vigentes na região, no conjunto pictórico do Rio do Sal, está relacionada ao fato de haver em determinadas composições figuras onde os estilos, do Rio do Sal e o complexo estilístico do Complexo Paulo Afonso na tradição Nordeste, sub-tradição Paulo Afonso, se misturam para fazer uma única composição, desenvolver uma única temática.

2.1 Aplicação da matriz visual

Nessa pesquisa se está consciente de que as interpretações não passam de conjecturas, mas o exercício da ciência fundamenta-se na reflexão associada aos dados e às diversas construções teóricas fundamentadas, estas completamente dependentes da formação científica do pesquisador e os autores fazem diversas analogias comparativas diante das pinturas apresentadas nas diversas localidades do nordeste onde se encontram pinturas semelhantes.

Teve-se a necessidade de conceituar esse conjunto de imagens, ou de uma imagem isolada, que sobressaem aos olhos do observador, ora pelo seu tamanho, ora pela sua diversidade pictórica, técnica e morfológica, ora pelo seu gesto-movimento, ora pela sua temática, principalmente pelo seu posicionamento no nicho ou no abrigo como: predominância imagética-visual arqueológico no Sítio 41, localizado no povoado Rio do Sal, pertencente ao Complexo Arqueológico Paulo Afonso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa se tinha como principal objeto de estudo analisar o surgimento de novas hipóteses sobre a história da ocupação humana no território nordestino situando o Complexo Paulo Afonso dentro desta discussão que tem na sua essência um debate histórico com o descobrimento de sítios arqueológicos no povoado Rio do Sal (entre outros povoados da cidade), localizado na cidade de Paulo Afonso-BA. É relevante pontuar os diversos sítios pré-história existentes nessa região, os quais fazem parte do Complexo Paulo Afonso, pautado no estudo da arte rupestre. Essa pesquisa foi focada no povoado Rio do Sal onde foram encontrados 112 sítios, sendo 48 sítios destruídos e 64 intactos. Porém, os dados pontuados nesse TCC estão relacionados ao sítio 41.

As leituras e pesquisas levaram a conhecer e questionar o modo de vida das culturas que ocuparam o município do Rio do Sal, o simbólico- imaginário presente nas figuras rupestres localizados nos matacões e abrigos da região fazendo inter-relações associadas aos diferentes vestígios da cultura material. Não se chegou ao reconhecimento dos grupos culturais que ocuparam aquela região, mas foi possível inferir autores que se especializaram em pinturas rupestres podendo fazer análises comparadas que produziram resultados de evidências da passagem de povos pretéritos no município do Rio do Sal.

Acredita-se ter conseguido alcançar os objetivos propostos, que foram os de contribuir com essa pesquisa para um aprofundamento do conhecimento e sistematização das pinturas rupestres, interligada às diversas cidades do Nordeste no sentido de encontrar respostas sobre a cultura ancestral dos povos primitivos no nordeste brasileiro, no intuito de resgatar o passado, preservando esse patrimônio para as gerações futuras, a fim de não deixar cair no esquecimento ou na desvalorização das ocupações pretéritas no Nordeste.

O que não quer dizer que o trabalho de pesquisa no Rio do Sal tenha terminado, pelo contrário, este é um começo de uma nova etapa de pesquisa, onde passado e presente estão juntos, mas que carece de investimento financeiro e políticas públicas que abracem a causa arqueológica na região.

Falta ao Brasil e aos gestores da cidade de Paulo Afonso essa consciência de preservação e proteção da história do país e do município. Enquanto não houver sensibilidade para criar leis de incentivo à pesquisa arqueológica/histórica o país estará à deriva, vendo escorrer por entre os dedos uma de suas maiores riquezas: os sítios arqueológicos.

Apesar de breve, esse TCC pontua que o campo de investigação na arqueologia brasileira tem ao longo das últimas décadas acumulado conhecimento e estabelecido sistema teóricos, onde a tecnologia e o eco-espço estão entrelaçados. A pesquisa pluridisciplinar tem priorizado o homem, a terra e sua história numa relação inalienável.

E com base nesses conceitos e classificação dos registros rupestres nordestinos, onde a identidade cultural é definida e é apontada em toda região nordeste, necessário se faz um amparo legal para evitar a transformação da paisagem e o desaparecimento dos sítios arqueológicos pela ação do homem (por questões de sobrevivência) e/ou o intemperismo (físico ou químico) que assola toda região, incidindo diretamente sobre as rochas que abrigam os sítios.

A contenção imediata requer uma educação patrimonial junto às populações reconhecendo os sítios como patrimônio cultural que precisa de proteção e zelo de toda comunidade. Essa contribuição é de extrema importância na garantia da perpetuação da história dos povos pretéritos que habitaram a região.

A maioria dos sítios visitados no Rio do Sal e seu entorno estão situados em locais de fácil acesso, protegido por cerca de arames farpados, por pertencerem a proprietários

que usam as áreas do campo para criação de rebanhos caprinos, esses proprietários não tem conhecimento do valor arqueológico e histórico dos registros rupestres encontrados em suas terras o que dificulta o processo de estudo, catalogação, proteção e preservação do patrimônio arqueológico.

Nas fotografias feitas certos cuidados foram tomados no momento de interpretar as paisagens dos sítios, de modo que as associações e atribuições aos signos fossem feitas a respeitarem o contexto da produção das paisagens dos sítios de pintura. Ou seja, as paisagens embora vistas hoje e interpretadas por um pesquisador - coberto por suas próprias intencionalidades - foram vividas e modificadas em uma estrutura cultural cujos valores se distinguem dos valores do pesquisador que se coloca enquanto observador de tais paisagens.

Sendo assim, determinadas atribuições de significados, ou a falta delas, tiveram o cuidado de não se tornarem leituras absolutamente etnocêntricas. Tomou-se o cuidado de não utilizar tendências que não pertenceram, e não pertencem ao contexto de produção e construção de um texto específico: as paisagens dos sítios de pintura.

REFERÊNCIAS

AYTAI, D. 1970. **As gravações rupestres de Itapeva.** *Revista da Universidade Católica de Campinas*, 14 (33): 29-61.

AYTA. W. E. F. 2005. **Datação termoluminescência e de Ressonância Paramagnética Eletrônica da Calcita coletada sobre pinturas rupestres de dois sítios no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil.** *FUMDHAMentos* [I encontro da Física e Arqueologia, Descobertas e Datações, 26 à 29 de abril de 2004] IV: 1-26

AZEVEDO NETTO, C. X. 2000. **A espacialidade como instrumento da interpretação da arte rupestre.** *IN GARCÍA, C. G. (Coord.), TAPA* [Paisages Culturales Sudamericanas: de las Prácticas Sociales a las Representaciones], 19: 47-61. Santiago de Compostela: Laboratorio de Arqueoloxía e Formas Culturais, IIT, USC.

AZEVEDO NETTO, C. X. 2001. **A Arte Rupestre no Brasil: Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação [Tese de Doutorado].** 195p. Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

BAHN, P. G. 1993. 50,000 – **year-old Americans of Pedra Furada.** *Nature*, 362: 114-115.

BEDNARIK, R. G. **Rock Art Science: The Scientific Study of Palaeoart.** New Delhi: Aryan Books International, 2007.

BUCO, C. & ABREU, M. S. de (Eds.), *Global Rock Art – Anais do Congresso de Arte Rupestre.* IFRAO. FUMDHAMentos IX, 2: 197-219. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.2009.

BURGIO, L.; CLARK, R. J. H. 2001, **Library of FT-Raman spectra of pigments, minerals, pigment media and varnishes, and supplement to existing library of Raman spectra of pigments with visible excitation.** *Acta Spectrochimica, Part A*, 57, 1491-1521.

BUZGAR, N., BUZATU, A.; SANISLAV, I. V. 2009 - **The Raman study on certain sulfates.** *Analele Stiintifice ale Universitatii “Al. I. Cuza”*, Iasi, Tome 55, 1, 5-23.

BRANDÃO, A. 1937. **A Escripção Prehistorica do Brasil (Ensaio de Interpretação).** 269p. Bibliotheca de Divulgação Científica, Vol. XI. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A.

CAVALCANTE, T. L. V. **As pegadas de São Tomé: ressignificações de sítios rupestres.** *Revista de Arqueologia*, v. 21, nº 2, 2008, p. 121-137.

CHIPPINDALE, C. & NASH, G. (ed.). 2004. ***The Figured Landscapes of Rock-art (Pictures in Place)***. 420p. Cambridge: Cambridge University Press.

CORREIA, Ana Clélia Barradas. **Nos passos do herói santo**: na História, na arqueologia e na mística popular. Recife, 1992. 120 f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.

CUNHA, E. **Como nos tornámos humanos**. 154p. Estado da Arte 4. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2010.

CUNHA, M. C. da. (Coord.). **Catálogo da Exposição “Pinturas e Gravuras Pré-históricas de São Raimundo Nonato, Estado do Piauí [Missão Franco-Brasileira 1978]**. São Paulo: UNICAMP, UFPI & USP / Museu Paulista. .1978

CUNHA, M. C. da. **Introdução a uma história indígena**. IN CUNHA, M. C. da (Org.), *História dos Índios do Brasil*: 9-24. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP. 1992

FUNAI/CR Baixo São Francisco. **Relatório Técnico - Kaimbé - 2011**. Acessado em 18/11/2013: <<http://funai-ba-pa.blogspot.com.br/p/kaimbe.html>>

GASPAR, Lúcia. *O Nordeste do Brasil*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2018.

GUIDON, N. **Peintures préhistoriques du Brésil: l’art rupestre du Piauí**. Paris: Editions Recherches sur les civilisations, 1991.

_____. 1997. Recensão ao artigo de PROUS, A. 1997. **O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica**. Dossiê Surgimento do Homem na América. Revista USP: 8-21. *CLIO* (Série Arqueológica), 12: 223-227.

_____. (Org.). 1998. **Trilhas da Capivara - Capivara Trails**. 80p. São Paulo: Type Laser Desenvolvimento Editorial.

GUIDON, N.; VERGNE, C. & VIDAL, I. A. 1998. **Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara**. *CLIO* (Série Arqueológica), 13: 127-144.

GUIDON, N.; PARENTI, F.; OLIVERA, C. & VERGNE, C. 1998. **Nota sobre a sepultura da Toca dos Coqueiros, Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil**. *CLIO* (Série Arqueológica), 13: 187-192.

GUIDON, N.; PEYRE, E.; GUÉRIN, C. & COPPENS, Y. 2000. **Resultados da Datação**

de Dentes Humanos da Toca do Garrincho, Piauí – Brasil. *CLIO* [Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira] (Série Arqueológica), 14 (1): 75-86.

HRADIL, D.; GRYGAR, T.; HRADILOVA, J.; BEZDIC, P. 2003. **Clay and iron oxide pigments in the history of painting.** *Clay Science*, 22, 223– 236

<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-canudos.html>. Acessado em 05 de maio de 2018.

<https://www.significados.com.br/espaco-geografico/>. Acessado em 21 de maio de 2018.

<http://www.paraibacriativa.com.br/artista/indios-cariris/>. Acessado em 21 de maio de 2018.

<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/confederacao-dos-cariris/>. Acessado em 21 de maio de 2018.

<http://acessogeral.blogspot.com>. Acessado em 21 de maio de 2018.

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaespacial/25.pdf>. Acessado em 23 de maio de 2018.

http://www.fumdham.org.br/wp.content/uploads/2015/06/doutorado_cristiane_a_buco.pdf. Acessado em 28 de novembro de 2018.

<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/89254/1/bpd59-2004-paulo-afonso.pdf>. Acessado em 2m 30 de novembro de 2018.

https://www.researchgate.net/publication/259390655_PINTURAS_RUPESTRES_MATERIAS-PRIMAS_TECNICAS_E_GESTAO_DO_TERRITORIO. Acessado em 30 de novembro de 2018.

<http://indios-brasileiros.info/o-primeiro-contato.html>. Acessado em 30 de novembro de 2018.

IBGE. **Censo demográfico.** [Brasília, D.F.], 2000.

LAMING-EMPARIE, Annette. **Le problem des orgines americaines:** theories, hypothèses, documents. Paris: Editions de lamaison des sciences de l’homme, 1980.

LEROI-GOURHAN, A. **Arte y Grafismo en la Europa Prehistoria.** Madrid: Colegio Universitario de Ediciones Istmo, 1984

LEWIN, R. **Evolução Humana.** São Paulo: Atheneu Editora, 1999.

MARTIN, G. **A Pré-História do Nordeste.** Pernambuco: Editora UFPE, 2008.

_____. **Apontamentos para uma História da Arqueologia Brasileira (I)**. Revista Clio História. Recife: EDUFPE, nº 1, p. 113-122, 1977.

_____. Apresentação. In: DANTAS, J. A. **Indícios de uma civilização antiquíssima (manuscrito existente no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano)**. Biblioteca Parnaibana. João Pessoa: Editora União, 1994.

MONZON, Susana. **Pinturas e Gravuras de São Raimundo Nonato, estado do Piauí. Missão Franco-brasileira**. São Paulo: Museu paulista, 1978.

MARTIN, G. **A Pré-História do Nordeste. Pernambuco**: Editora UFPE, 2008.

_____. **Apontamentos para uma História da Arqueologia Brasileira (I)**. Revista Clio História. Recife: EDUFPE, nº 1, p. 113-122, 1977.

_____. Apresentação. In: DANTAS, J. A. **Indícios de uma civilização antiquíssima (manuscrito existente no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano)**. Biblioteca Parnaibana. João Pessoa: Editora União, 1994.

_____. **A tradição Nordeste na área arqueológica do Seridó, no Rio Grande do Norte**: a Furna do Messias como exemplo da evolução da subtradição Seridó. *IN* GUIDON, N.; BUCO, C. & ABREU, M. S. de (Eds.), *Global Rock Art – Anais do Congresso de Arte Rupestre IFRAO 2009*. FUMDHAMentos IX, 2:83-90. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano. 2010.

MARTIN, G. VIDAL, I. A. **Dispersão e difusão das tradições rupestres no Nordeste do Brasil**: vias de ida e volta? Revista Clio Arqueológica. Recife: EDUFPE, volume 29, nº 2, p. 17, 2014.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: Pequena História Crítica. São Paulo, Hucitec, 1996.

NETTO, C. X. A. **A arte rupestre no Brasil**: Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação. 2011, 195 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Instituto Brasileiro em Informação em Ciência e Tecnologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

OGEL-ROSS, L. A noção de Subtradição aplicada um sítio de arte rupestre pré-histórica. **Caderno de Pesquisa 4: série antropológica III**. Teresina, Universidade Federal do Piauí, p.147-186, 1985.

OLIVEIRA, João Pacheco de (org). 2011. **A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória**. Rio de Janeiro, Contra Capa, 714 pgs. 2014.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132014000100011.
Acessado em 30 de novembro de 2018.

PESSIS, Anne-Marie; & Guidon, Niéde. **Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas**, in: Vidal, Lux (org): grafismo, indígena: estudos de antropologia estética. São Paulo. Edusp. 1992.

PESSIS, A. M. **Pré-História da Região do Parque Nacional Serra da Capivara**. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org). Pré-história da terra Brasilis. Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 1999, p.61-74.

PINTO, E. **Os indígenas do Nordeste**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

PROUS et al. Brasil rupestre; **Arte Pré-histórica brasileira**. Curitiba: Zenerane Livros, 2007 B.

_____. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992

_____. **Arqueologia, Pré-histórica e História. Pré-história da Terra Brasilis**. Maria Cristina Tenório. Rio de Janeiro, EDUFRJ, 1999, p.19-34.

_____. **Arte Pré-Histórica do Brasil**. Belo Horizonte: Arte. 2007 a

RATZEL, F. **O povo e seu território**. IN: MORAIS, A.C.E. (org). São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.

REIS, J. A. **“Não pensa muito que dói”**: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

Revista de Geopolítica, Natal - RN, v. 3, nº 2, p. 230 – 238, jul./dez. 2012.

Revista Arqueológica Pública Campinas, SP v.11 n.1 p.160 julho/2017 ISSN 2237-8294.

RUBINGER, M. M. **Pintura Rupestre. Algo mais do que arte pré-histórica**. Belo Horizonte: Interlivros. 79p. 1979

SALVADOR, F. V. do. **História do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SCHMITZ, P. I. **A Sociedade de Arqueologia Brasileira**: a fundação e os primeiros mandatos. In: SCHAAN, D.; BEZERRA, M (orgs.). Construindo a arqueologia no Brasil: a trajetória da Sociedade da Arqueologia Brasileira. Belém: GKNORONHA, 2009.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO. M. B.; VERARDI, I. **Arte Rupestre no Centro Brasil**: Pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas / UNISINOS, 1984.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO. M. B. **Arqueologia nos cerrados do Brasil Central**: Serranópolis: Pinturas e Gravuras dos Abrigos. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas/ Unisinos, nº 11, 1997 A.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B. **Arqueologia nos cerrados do Brasil Central**: As pinturas do projeto Serra Geral: Sudoeste da Bahia. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/ Unisinos, nº 12, 1997 B.

SILVA, Júlio César Lázaro da. "**História Econômica da Região Nordeste**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/historia-economica-regiao-nordeste.htm>>. Acesso em 01 de dezembro de 2018.

SOLÁ, M. C. **Arte rupestre**: Imagens da Pré-história. In: História Pré-Colonial do Brasil. Ivan Alves Filho (coord.). Rio de Janeiro: Europa Empresa Gráfica e Editora, 2000.

TRUJULLO; J.; FALGUERES, C.; OOSTERBEEK, L. & ROSINA, P. 2010.

Tecnología de la producción de los pigmentos en el arte rupestre colombiano: materials y alteraciones. IN GUIDON, N.; BUCO, C. & ABREU, M. S. de (Eds), *Global Rock Art – Anais do Congresso de Arte Rupestre IFRAO 2009*. FUMDHAMentos, IX, 3: 563-588. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.

VALLADAS, H., TISNÉRAT, N.; CACHIER, H.; ARNOLD, M. 1999 - **Datation directe des peintures préhistoriques par la methode du carbone 14 en spectrometrie de masse par accelerateur**. *Mémoires de la Société préhistorique française*, 26. 39-44.

VANDENABEELE, P.; WEHLING, B.; MOENS, L.; EDWARDS, H.; DE REU, M.; VAN HOOYDONK, G. 2000. **Analysis with Micro-Raman spectroscopy of natural organic binding media and varnishes used in art**. *Analytica Chimica Acta*, 407. 261–274.

VASQUES, Márcia Severina. **Pré-história do Seridó: perspectivas para o estudo das gravuras rupestres**. Artigo publicado em www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT06/6.8.pdf. Acessado em 30 de março de 2018.

VERGNE, Cleonice; MARQUES, Juracy. **Pedras pintadas**: dilemas socioambientais do complexo arqueológico de Paulo Afonso. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2009.

VERGNE, Maria Cleonice Souza. **Relatório de Atividades**. Paulo Afonso- UNEB- Campus VIII- CAAPA, Julho de 2008/ janeiro de 2009.